

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Rubens Luiz Santos de Oliveira

A Eucaristia, fração do pão e da vida:

a relação entre Eucaristia e o cuidado com as pessoas em situação de rua

Graduação em Teologia

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Rubens Luiz Santos de Oliveira

A Eucaristia, fração do pão e da vida:

a relação entre Eucaristia e o cuidado com as pessoas em situação de rua

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Pe. Dr. Tiago Gurgel.

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Virgem Maria, que sempre estão ao meu lado principalmente nos tempos difíceis.

A minha mãe Marise Santos, que sempre foi motivo de perseverança, resiliência, determinação em seus projetos pessoais, portanto, é uma pessoa que tenho profundo amor, respeito e gratidão.

Ao Pe. Thiago, por ter aceitado o desafio de me orientar nesta pesquisa e por suas valiosas sugestões e contribuições a este trabalho.

A D. Luís Antônio Guedes, bispo diocesano de campo de campo limpo, que me acolheu no seminário.

Ao Pe. Lidionor Sampaio e ao Pe. José Wilson de Souza, reitor e vice-reitor do Seminário Nossa Senhora Aparecida, por todo apoio na minha etapa formativa, cuidando e guardando a minha vocação.

Aos meus irmãos seminaristas, ao qual comungamos as alegrias e desafios, entre eles; Arthur, Danilo Rodrigues, Willian, Gustavo, Rodrigo, João Paulo, Henrique, Pedro.

Ao Pe. José Lúcio, da qual faço estágio pastoral, por todo apoio e compreensão e principalmente pelo testemunho sacerdotal e fraterno.

Ao Pe. Tarcísio Marques, meu diretor espiritual, que sempre esteve ao meu lado direcionando qual é a vontade do Senhor Jesus; também estendo a minha gratidão ao Pe. César Rossi, Diretor de Estudos da turma de teologia, pela sua assistência e ajuda na compreensão dos textos teológicos.

Enfim, ao paroquianos da Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus e suas respectivas comunidades; São José, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, São Felipe e São Tiago Apóstolos, a toda essa parcela do povo de Deus a minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo perceber, por meio da Sagrada Escritura e documentos da Igreja, a eucaristia como comunhão fraterna entre os irmãos e ao mesmo tempo a força transformadora que permite ir ao encontro dos mais vulneráveis, ou seja, os pobres. Tendo em vista o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), em especial o Documento de Puebla, que tem como uma de suas vertentes a “opção preferencial pelos pobres”, sabe-se que essa opção não deve ser somente por meio da caridade, mas deve se expressar no compromisso de transformação das estruturas opressoras. Logo, “a dignidade do homem é decifrada à luz do mistério de Cristo” (cf. DP 305-339). Daí surge a íntima relação entre evangelização e defesa dos direitos humanos, políticos e sociais, num continente que vive em “permanente violação da dignidade da pessoa” (DP 41). Nesse contexto, o padre Júlio é uma das grandes vozes atualmente na luta pela dignidade humana, combatendo todo tipo de aporofobia – “medo de pobre” – no âmbito social e econômica etc. Pe. Júlio Lancellotti busca conviver com as pessoas em situação de rua, mediante os dramas e desafios, incertezas, alegrias e dores, sabendo que toda família experimenta em maior ou menor grau essas situações, que faz parte da vida de cada indivíduo independente da condição social, econômica, política e religiosa.

Palavras-chaves: Eucaristia; Pobre; Aporofobia, Padre Júlio.

ABSTRACT

The present work aims to understand, through Sacred Scripture and Church documents, the Eucharist as a fraternal communion among brothers and at the same time the transforming force that allows reaching out to the most vulnerable, that is, the poor. Bearing in mind the Latin American Episcopal Council (CELAM), in particular the Puebla Document, which has as one of its aspects the “preferential option for the poor”, it is known that this option should not be only through charity, but it must be expressed in the commitment to transform oppressive structures. Therefore, “man's dignity is deciphered in the light of the mystery of Christ” (cf. DP 305-339). Hence arises the intimate relationship between evangelization and the defense of human, political and social rights, in a continent that lives in “permanent violation of the dignity of the person” (DP 41). In this context, Father Júlio is one of the great voices currently in the fight for human dignity, fighting all kinds of aporophobia – “fear of the poor” – in the social and economic sphere, etc. Foot. Júlio Lancellotti seeks to live with people living on the streets, through the dramas and challenges, uncertainties, joys and pains, knowing that every family experiences these situations to a greater or lesser extent, which is part of the life of each individual regardless of social condition, economic, political and religious.

Keywords: Eucharist; Poor; Aporophobia, Father Julio.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de pessoas em situação de rua por Grande Região[1] (2012-2022)	28
Tabela 2 – Posição das capitais (maio de 2022)	29

LISTA DE SIGLAS

CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional Dos Bispos Do Brasil
DP	Documento de Puebla
DS	Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, de autoria de Heinrich Denzinger
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas aplicadas
MF	Carta Encíclica <i>Mysterium Fidei</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	9
CAPÍTULO I. A Eucaristia como sacrifício, banquete e comunhão com Cristo: como esse corpo místico da Igreja deve atingir a vida dos pobres em situação de rua.....	13
1.1. O que é a eucaristia	13
1.2. A Eucaristia como banquete	19
1.3. A Eucaristia como sacrifício	21
1.4. A Eucaristia e sua relação com os pobres	23
1.5. O lava-pés apresenta uma relação com a Eucaristia	26
1.5.1. A Eucaristia como partilha	28
CAPÍTULO II. A pobreza no Brasil a luz dos dados públicos de São Paulo, especificamente sobre as pessoas em situação de rua da metrópole paulistana	31
2.1. A situação atual das pessoas em situação de rua a partir dos dados governamentais	31
2.2. O que levou as pessoas a viverem nas ruas.....	34
2.3. A aporofobia tem alguma relação com a fala de Jesus que disse: “pobre sempre tereis.” (Jo 12,8).....	36
CAPÍTULO III. Padre Júlio Lancellotti, o vigário do povo de rua: um chamado particular ou um profetismo de dentro da igreja para a sociedade?.....	41
3.1. Quem é o Padre Júlio?	41
3.2. Como o apostolado do Padre Júlio acontece e por que incomoda tanto os poderosos da sociedade paulista e alguns membros da Igreja Católica	44
3.3. O Evangelho vivido pelo Padre Júlio Lancellotti tem por finalidade nos apresentar o Cristo pobre.....	46
3.3.1. Qual foi a motivação do Papa Francisco para ligar pessoalmente para o Padre Júlio Lancellotti e qual o contexto dessa ligação?	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO GERAL

Pretendemos tratar nesse primeiro capítulo o conceito de Eucaristia a luz do Magistério da Igreja, o ponto de partida para a instituição desse sacramento e qual o sentido de ser celebrado até os tempos atuais. Entretanto, no segundo momento queremos olhar através das Sagradas Escrituras, a eucaristia como alimento e fraternidade entre os irmãos. Neste sentido, a exortação de Paulo referente ao comportamento de alguns irmãos que participavam da Ceia do Senhor, que comiam e bebiam sem pensar nos outros irmãos, que ainda não haviam de chegar para a Ceia do Senhor, ao ponto de Paulo questionar se em suas casas não havia o que comer e beber, ou seja, envergonhando a Igreja de Deus (cf. 1 Cor. 11, 17-27).

A Eucaristia é um sacramento central na vida da Igreja Católica, que celebra a presença real de Cristo no pão e no vinho consagrados. A Eucaristia é uma celebração que envolve a comunidade em oração, reflexão e ação, inspirando os fiéis a viver sua fé através do amor e serviço aos outros.

A população em situação de rua é um grupo vulnerável que muitas vezes é marginalizado e excluído da sociedade. Eles enfrentam desafios diários, como falta de abrigo, alimentação adequada, cuidados de saúde e emprego. A falta de recursos financeiros e a falta de apoio social muitas vezes tornam difícil para eles satisfazerem suas necessidades básicas.

A Eucaristia pode ser uma fonte de consolo e esperança para as pessoas em situação de rua. As igrejas muitas vezes oferecem refeições e abrigo para os necessitados, e a celebração da Eucaristia é uma forma de comunhão e partilha entre os membros da comunidade. Através da Eucaristia, a Igreja também incentiva seus membros a servir os necessitados, seguindo o exemplo de Cristo, que se preocupava com os pobres e marginalizados.

Assim, a Eucaristia pode ser vista como um meio de unir a comunidade em torno de um propósito maior e inspirar ações em prol da justiça social e da caridade. Isso inclui a atenção às necessidades da população em situação de rua e o compromisso em ajudá-los a encontrar esperança e dignidade em meio às dificuldades.

Além disso, a missão de Jesus permeada de sinais e prodígios, um exemplo é a multiplicação dos pães (cf. Jo 6, 1-13). O senhor Jesus se compadece ao olhar para multidão e se preocupa com a necessidade material daquela multidão.

Nesse episódio podemos fazer um paralelo com a eucaristia que sacia a alma dos fiéis e dá força para o homem buscar o pão de cada dia para o seu próprio sustento e dos seus familiares. A Igreja nunca deixou de assistir as necessidades dos pobres através de alimentos básicos, porém o convite é sempre ir além de um assistencialismo, partindo para uma ação evangelizadora que outrora saciou a fome física e agora deseja saciar a alma através do banquete eucarístico, pois Jesus veio para todos, mas principalmente para os doentes, como observamos as suas palavras em Jo 6,51. “Eu sou o pão descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.” O amor fraterno é a prova da autenticidade das nossas celebrações eucarísticas.

Partindo para o segundo capítulo tenho como proposta fazer alguns apontamentos sobre os dados vigentes da população de rua em São Paulo. Visando entender o verdadeiro sentido ou quais as circunstâncias e situações que levam essas pessoas a viverem nas calçadas e praças da cidade de São Paulo. Portanto, é preciso mapear o verdadeiro sentido dessa existente aparofobia, “ódio de pobre” que suscita uma indiferença e insensibilidade mediante ao sofrimento dessas pessoas em situação de rua. Contudo, diante desse cenário será que existe uma empatia que vai além de um albergue, e quais são os pré-requisitos para usufruir do mesmo, já que é que uma válvula de escape imediato para uma situação específica como o inverno - rigoroso dando alimentação e roupas e outros utensílios para subsistência imediata.

Nesse sentido, é inadmissível que pessoas morram de frio nas ruas, não podemos achar essa fatalidade comum, é preciso fazer um mea-culpa, são nossos irmãos que estão sofrendo, partindo da primícia cristã somos filhos do mesmo Pai do Céu. A propósito, uma Igreja que fica somente na sacristia e não consegue ouvir o clamor do seu irmão que sofre nas calçadas e praças nos rincões de uma sociedade receosa de exercer o primeiro mandamento da lei de Deus, “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo” (Mt 22,37-39), ou seja, não temos como fugir dessa máxima da lei divina.

Neste último capítulo teremos a oportunidade de compartilhar a experiência do vigário do povo de São Paulo, o padre Júlio Lancellotti. É preciso entender um pouco da trajetória do pe. Júlio, o seu tempo de formação antes e depois dentro do processo formativo chamado seminário, como foi construído esse caminho de justiça social sobretudo para com os pobres. Quais as motivações que fizeram assumir essa missão

profética de anunciar e denunciar os descasos e o abandono que esses nossos irmãos vivem nas ruas da grande São Paulo.

Pe. Júlio tem suscitado amor e ódio dentro de uma sociedade materialista e consumista que visa somente o seu bem-estar corporal e emocional, onde me preocupo somente com os meus problemas, denotando que não tenho tempo para ajudar o meu próximo e principalmente fazer uma ação caritativa que não seja em tempos de festas, como natal e ano novo, mas deveria ser recorrente cada um dentro das suas possibilidades, tal ação poderia diminuir essa realidade de sofrimento e angustia das pessoas em situação de rua.

CAPÍTULO I

A Eucaristia como sacrifício, banquete e comunhão com Cristo: como esse corpo místico da Igreja deve atingir a vida dos pobres em situação de rua.

1.1. O que é a eucaristia

A instituição da eucaristia tem os seus relatos nos evangelhos de (Mt, Mc e Lc) esses mesmo são chamados pela Igreja Católica de sinóticos, pois, apresentam uma mesma visão sobre a pessoa de Cristo Jesus, diferente pelo estilo literário de cada autor, e possível ver algumas semelhanças sobretudo nos capítulos e versículos bíblicos que fazem referência a instituição da eucaristia (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,15-20 e 1Cor 11,23-26).

Entretanto, o evangelho segundo João nos apresenta uma perspectiva diferenciada dos outros evangelistas, assim, como o capítulo 6 de João é todo dedicado para falar somente da eucaristia, utilizando da palavra pão da vida que é uma alusão direta para falar da eucaristia. Já no capítulo 13 do evangelho de João acontece a narrativa do lava-pés, que está intimamente ligado a eucaristia, e pôr fim a utilização da videira verdadeira como simbolismos eucarístico.

Segundo José Aldazábal o autor do livro *A eucaristia*, ele vai exprimir o conceito de eucaristia dizendo: que a eucaristia é a ação de graças, haja a vista o conceito da eucaristia¹ como ação de graças, ato de agradecimento, ato de entrega gratuita, ato de louvor a Deus. Contudo, a tradição judaica é uma singular referência para o desenvolvimento doutrinal da Igreja Católica, pois, eles são considerados os nossos irmãos mais velhos fé. Dito isto, a bênção solene sobre o terceiro cálice da ceia pascal, tem a sua referência segundo Aldazábal, na carta de (1Cor 10,16) "o cálice² de bênção

¹ A palavra eucaristia torna-se termo técnico para a ceia do Senhor/última ceia somente nos Padres Apostólicos (cf. Did. 9,1 5; Inácio. Efes. 13, 1; Fld. 4.1; Smir. 7, 1; 8, 1; Just. Apol. I 66, 1). A linguagem do NT é aberta. O conceito não é atestado nos sinóticos. Eucharistia significa em geral ação de graças e oração de agradecimento (1Ts 3, 9; 1 Cor 14, 16; Fl 4, 6) mas também a bênção à mesa (1Tm4, 3 s), sendo assim também sinônimo de eulogia. O destinatário (At 24,3) é Deus. O equivalente hebraico para eulogia é berakah, a que semanticamente corresponde eucaristia (atestado com frequência em Fílon). Uma vez que os conceitos são sinônimos no judaísmo helenista, não expressam, portanto inclusive no NT, nada a mais do que no AT (EICHER, 1997. p. 271)

² A eucaristia é “comida” e “bebida” (1 Cor 10,1-4), prefiguradas pelo maná (“comida espiritual= comida profeticamente eucarística”) e pela água da rocha (Ex 17, 1-7 “bebida espiritual”). Como o Cristo preexistente (“a rocha era Cristo”, 10,4) estava presente ao povo de Deus dando-lhe a “bebida espiritual”, assim o Cristo glorificado, presente à sua Igreja, dá uma nova comida e uma nova bebida salutar. Em sua interpretação da escritura e da história, Paulo vê a eucaristia como alimentação (“viático”) do povo de Deus do NT. (BAUER; MARBOCK; WOSCHITZ, 1998, p. 143).

que abençoamos". Esta ação indica a prefiguração do sacramento da eucaristia, que ao mesmo tempo aponta para tradição judaica e seu modo de celebrar.

Indo para era pós – conciliar temos o *catecismo da igreja católica* promulgado no ano 1992, que nos trouxe uma riqueza de conteúdo acerca dos dados da fé, bem como o conceito *ex opere operato*, entendido da seguinte forma: o sacramento³ da eucaristia não depende da fé do sacerdote e igualmente da fé do fiel católico, ou seja, a Igreja constituída pelo próprio Cristo Jesus sustenta a veracidade contida nesse sacramento da eucaristia afirmando que é o corpo de Cristo. Assim, a graça contida nesse sacramento segundo a Igreja, não depende unicamente da nossa fé, mas é sustentada pelo poder de Deus. (cf. CIC 1128).

Partindo desse princípio, podemos observar que os primeiros sacramentos da iniciação cristã; o batismo, a confirmação e a eucaristia, estão interligadas, assim, prescreve o *catecismo da Igreja católica*. Logo, são configurados como fundamentos de toda vida cristã, isto é, essenciais para vida de todo o cristão católico receber esses sacramentos para torna-se um membro vivo desse corpo da Igreja.

Entretanto, concluída essa primeira etapa da iniciação cristã, entendemos que a pessoa que recebeu esse sacramento precisa estreitar seus vínculos com a comunidade, a partir da sua fé professada na eucaristia. Pois, o próprio *catecismo da Igreja católica* entendi que a eucaristia é a “fonte e ápice de toda a vida crista”. “os demais sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e tarefas apostólicas, se ligam à sagrada eucaristia e a ela se ordenam. Pois a santíssima eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa” (cf. CIC 1324).

Isto, afirma que toda a vida do cristão católico deve estar alicerçada na celebração eucarística, ou seja, Jesus Cristo, buscando estreitar uma relação de amor através da eucaristia como experiência de comunhão entre Deus e o homem.

Além disso, o *catecismo da igreja católica* em seus parágrafos (cf. CIC 1328 até 1332) apresenta uma breve lista de definições sobre o sacramento da eucaristia:

1. É entendida como a Ceia do Senhor; permitindo fazer memória daquele acontecimento histórico narrado pelos evangelhos sinóticos, mas só o evangelista

³ Pelo prisma da linguagem e da história da teologia, o conceito de *sacramentum* procede do conceito pré-cristão *mystêrion*, port. “mistério”. O termo grego. O plural *mystêria* designou, desde cerca do século VII, para os gregos e no Oriente helenizado, cultos secretos ao lado da religião geralmente seguida (Prumm, 717). Praticados em pequenos grupos de iniciados, oferecem, mediante participação existencial ritual no destino dos deuses, comunhão na sua vida, fecundidade, felicidade e salvação. A versão latina da Bíblia (a africana e a “itala”) traduziu, como se sabe, *mystêrion* por *sacramentum*. Cf. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. Pág. 801, 802.

Lucas usa essa expressão “desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer; (cf. Lc, 22, 11-15) onde o Cristo Jesus pedia aos seus discípulos que arrumassem um local para cear com eles em tom de despedida, tudo isso nas vésperas da sua prisão.

2. A fração do Pão⁴; segundo o catecismo é um rito presente é na tradição judaica. O pai daquela família toma o pão em suas mãos agradece a Deus e partilha o pão com aqueles que estão a mesa. Esse rito vai ser repetido pelo próprio Jesus Cristo na última ceia e (cf. Lc 22, 19) ao mesmo tempo essa ação permitirá que os seus discípulos o reconhecessem, após a sua ressurreição.
3. A assembleia eucarística; está profundamente ligada com a Igreja que celebra o sacramento da eucaristia em comunidade, mas também em comunhão com a Igreja primitiva que dizia: “Uma vez que há um só pão, nós embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1Cor 10, 17).
4. O Memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor; A igreja atualiza esse memorial todas as vezes em que o povo de Deus reunidos na celebração eucarística celebram essa memória. Assim toda a comunidade cristã realiza o mandato do próprio Jesus Cristo expresso nos apóstolos ao dizer “fazei isto em memória de mim”. (cf. Lc 22,19ss e 1Cor 11,24).
5. O Santo Sacrifício; isto é" Sacrifício de Louvor" não vos esqueçais da beneficência e da comunhão, porque são estes os sacrifícios que agradam a Deus. (Hb 13,15-16) Tendo em vista o ato de misericórdia que experimentamos de Deus, ao entregar o seu filho único para remissão dos nossos pecados nos concedendo a salvação.
6. A Santa e divina Liturgia; também conhecida como celebração dos Santos Mistérios, devido a celebração do sacramento da eucaristia, permite que reconheçamos a liturgia celeste contida no livro do apocalipse como prefiguração dos tempos futuros da Igreja.
7. O Santíssimo Sacramento; este é o sacramento dos sacramentos, porque é o próprio Jesus Cristo presente nas espécies eucarísticas que fica guardadas no

⁴ O nome que esta celebração recebe no Novo Testamento é “fração do pão” e “ceia do Senhor”. Ambos se referem ao marco de uma refeição. Paulo também a chama “mesa do Senhor”, “cálice do Senhor”. Só em fins do século I e princípios do século II, com a Didaché e os escritos de Santo Inácio, passar-se á para o nome que depois será o mais comum: o de “Eucaristia” que aponta mais para a bênção e a ação de graças.

sacrário das Igrejas católicas, onde existe uma capela menor para adoração, sendo uma das espiritualidades dos fiéis católicos.

8. A Comunhão; este é o momento em que o fiel devidamente preparado, se aproxima do sacerdote ou ministro da eucaristia em profundo ato de respeito e adoração para receber o Cristo Jesus presente na eucaristia, e, portanto, assim chamados como alimento espiritual por aqueles que estão devidamente preparados. Esse sacramento gera unidade entre todos os cristãos católicos espalhados pelo mundo inteiro por meio da comunhão dos santos.
9. A Santa missa; é o ápice da vida cristã, pois ela reúne todos os elementos da espiritualidade cristã; divididos em ritos iniciais através dos cantos, a saudação da santíssima Trindade, a confissão dos nossos pecados e o perdão de Deus, a liturgia da palavra e o sermão do padre, a liturgia eucarística com apresentação das oferendas e depois a comunhão, onde a santíssima eucaristia é dada aos fiéis como alimento espiritual, e por fim, o envio dos fiéis para que cumpram a vontade de Deus em suas vidas.

O Concílio Vaticano II tem uma diversidade de documentos referentes a eucaristia como mencionamos anteriormente, mostrando que vários Papas e Bispos, Padres, Religiosos e Religiosas, Leigos e Doutores da Igreja, se debruçaram sobre esse mistério que a mais de dois mil anos continua vivo dando sentido de ser para a Igreja de Cristo Jesus. Sendo assim, queremos apenas aprender com alguns documentos qual é a força vital desse sacramento da eucaristia contida na Igreja.

O documento *Presbyterorum Ordinis*, que nos apresenta um trecho falando sobre o sacramento da eucaristia. O sacerdote⁵ como aquele que recebeu o sacramento da ordem, um dos sete sacramentos é agora chamado para exercer um ministério específico dentro da comunidade dos fiéis, para agir na pessoa de Cristo Jesus, a fim de perpetuar nos dias de hoje, a celebração da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, portanto, está é a fé da Igreja pela qual todos os batizados católicos são convidados a celebrar. Esse documento vai nos dizer que “a assembleia eucarística, presidida pelo padre, é o centro

⁵ Veneráveis irmãos, o sacramento eucarístico é sinal e causa da comunidade do corpo místico, e produz nas pessoas mais fervorosas um espírito eclesial ativo, não deixeis nunca de persuadir os vossos fiéis a que, aproximando-se do mistério eucarístico, aprendam a tomar como própria a causa da Igreja, a dirigir-se a Deus sem descanso, a oferecer a si mesmo ao Senhor, como sacrifício agradável, pela paz e unidade da Igreja; a fim de que todos os filhos da Igreja sejam uma só coisa e tenham um mesmo sentimento, nem haja entre eles divisões, mas sejam perfeitos em um mesmo espírito e mentalidade, como manda o apóstolo; e também para que todos aqueles que não estão ainda perfeitamente unidos à Igreja Católica, mas embora dela separados, pela graça divina, aquela unidade de fé e de comunhão, que Jesus Cristo deseja constituir sinal distintivo dos seus discípulos. (Cf. *Santo Agostinho. De Gen. Ad litt. XI,15, 20; PL 34, 437*).

de todas as reuniões de fiéis”. Entretanto, esse trecho retirado do documento *Presbyterorum Ordinis* (CONCÍLIO VATICANO II, 1965) ressalta a importância para qual a comunidade cristã é edificada a partir da eucaristia, e ao mesmo tempo, advertindo os fiéis que é preciso estar participando das celebrações eucarísticas cumprindo o preceito da missa dominical não como uma obrigação, mas como ato de amor a Deus.

Outro documento é a *Mysterium Fidei* (Papa Paulo VI, 1965). Esse documento nos apresenta a eucaristia como tesouro preciosíssimo da própria Igreja, a eucaristia recebida como graça dada pelo por Cristo Jesus, permite que todos os filhos da Igreja possam fazer uma experiência transformadora por meio desse sacramento de fé e amor. A sagrada eucaristia é antes de tudo é um mistério de fé, sendo assim, não podemos simplesmente racionalizar essa verdade de fé simplesmente porque nossos sentidos enxergam pão, senti o gosto de pão, mas a fé da Igreja nos sustenta ao dizer que é o próprio Cristo Jesus no sacramento da eucaristia, assim, como diz são Cirilo de Alexandria:” não ponhas em dúvida se é ou não verdade, aceita com fé as palavras do Salvador; sendo ele a Verdade, não mente”. (cf. Summa Theol. III, q. 75, a. I.)

Logo, se olharmos para trajetória dos santos da Igreja católica percebemos que esse sacramento da eucaristia, transformou a mente e o coração de muitos sábios como: Agostinho, Tomás de Aquino, João Crisóstomo⁶, Boaventura e tantos outros que carregam o título de doutores devido a sua alta produção filosófica e teológica e também através dos seus pensamentos e obras, que hoje são estudados como base segura para uma boa formação cristã, religiosa e acadêmica, pois, esses homens tornaram-se faróis seguros para diversas áreas do saber.

Ademais, o documento *Dominicae cenae* – carta apostólica sobre o mistério e o culto da santíssima eucaristia (JOÃO PAULO II,1980) tem como uma de suas bases apresentar a relação que existe entre eucaristia e Igreja, e como estão intrinsicamente ligadas, cf. assim como a Igreja “faz a eucaristia”, assim “a eucaristia constrói “a Igreja; (cf. AAS 71 (1979), p.311) e esta verdade está intimamente ligada ao mistério da Quinta-Feira Santa. A Igreja tem essa relação de unidade a parti do seu desenvolvimento histórico

⁶ São João Crisóstomo, que como sabeis, tratou com tanta elevação de linguagem e tão iluminada piedade o mistério eucarístico, exprimiu-se nos seguintes termos precisos, ao ensinar aos fiéis esta verdade” Inclinem-nos sempre diante de Deus sem o contradizermos, embora o que ele diz possa parecer contrário à nossa razão e à nossa inteligência; sobre a nossa razão e a nossa inteligência, prevaleça a sua palavra. Assim nos comportemos também diante do mistério (eucarístico), não considerando só o que nos pode vir dos nossos sentidos, mas conservando-nos fiéis às suas palavras. Uma palavra sua não pode enganar”. Idênticas afirmações encontramos frequentemente nos doutores escolásticos. Estar presente neste sacramento o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo, “não é coisa que se possa descobrir com os sentidos” diz santo Tomás “mas só com a fé, baseada na autoridade de Deus”. (MF, 17-18).

que aconteceu na Quinta-Feira Santa, onde Jesus Cristo com seus discípulos estavam reunidos para celebrar a sua última ceia, pois o próprio Jesus, confessa que desejava ardentemente cear com seus discípulos. Esse evento histórico não vai somente marcar a vida dos discípulos de Jesus Cristo, mas sobretudo vai ser a espinha dorsal da vida em comunidade da Igreja dos nossos tempos, o próprio Jesus Cristo, deixa para nós esse bem espiritual que é o seu corpo e seu sangue através do sacramento da eucaristia, o cristão católico experimenta em sua própria vida, os frutos desse admirável e misterioso sacramento.

Também a *Ecclesia de Eucaristia* - carta encíclica sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja pelo (JOÃO PAULO II, 2003) vai nos apresentar um itinerário da eucaristia que vai edificando a própria Igreja, pois apresentada como hóstia pura e imaculada, esse mesmo sacramento da eucaristia santifica todos os membros da Igreja pela sua graça e poder, portanto, todas as vezes que acontece a celebração da santa missa, nós somos resgatados pelo sangue de Jesus Cristo derramado e uma forma invisível aos sentidos, mas contém o poder de nos salvar e ao mesmo tempo resgatar para Deus nosso pai.

A eucaristia aumenta a nossa amizade com Cristo Jesus, pois, o próprio evangelista João vai nos dizer: (cf. 15,14) “Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando”. Essa relação de amizade deveria ser a bússola que norteia a vivência de uma vida cristã autêntica, não baseado no medo, mas, na experiência de uma misericórdia que foi derramada em nossas vidas por amor e nada mais.

Por isso, a eucaristia é o tesouro maior da própria Igreja, que alimenta, fortalece, dá novo vigor para os seus fiéis, está encerrada nesse sacramento da eucaristia, essa força espiritual tem sustentado a Igreja durante séculos a fora. A força desse sacramento permite que o, ide por todo mundo e a todos pregai o evangelho, se torne uma realidade para saciar os famintos e sedentos de justiça.

A eucaristia deve criar comunhão entre os homens, pois está é uma característica própria das comunidades cristãs. “a inspiração por chegar à meta da unidade impele-nos a voltar o olhar para a eucaristia, que é o sacramento supremo da unidade do povo de Deus, a sua condigna expressão e fonte” (cf. Cf. Unitatis Redintegratio, n. 1)

1.2. A Eucaristia como banquete

A eucaristia como refeição apresenta o seu sentido teológico judaico, pois, por meio da refeição, se torna evidente que o gesto de se sentar à mesa, significa ter comunhão com a pessoa. Neste sentido, Jesus gera um escândalo para os mestres da lei ao vê-lo, em vários momentos, com pessoas consideradas pecadores públicos. Tal atitude era inconcebível para um profeta, um homem enviado por Deus, mas o próprio Cristo quebra esse paradigma. Logo, seu interesse era em salvar aqueles que estavam perdidos pelo caminho. Certamente o Cristo, entendia a refeição como uma partilha de vida, a existência (cf. 1Cor 10,17: o pão que partimos não é comunhão com o Corpo de Cristo? Visto que há um só pão, nós, embora muitos, formamos um só corpo, nós que participamos do mesmo pão”).

Por outro lado, podemos perceber que a cultura Judaica, ou seja, entre os judeus, as refeições tomadas em comum contava com a participação de muitas pessoas e, curiosamente, eram tomadas deitados ou apoiados nos cotovelos à moda helenística (Mc 6,39; Lc 7,36), elas eram presididas normalmente pelo dono da casa ou por um hóspede de posição, com bons lugares à sua direita e à sua esquerda (Mc 12,39; Lc 14,7).

Na igreja primitiva, a eucaristia era definida como partição do pão. A respeito dos primeiros cristãos em Jerusalém, Lucas diz: “dia após dia, eles aguardavam pacientes no templo e levavam o pão às suas casas, para realizarem as refeições em conjunto, com alegria e simplicidade no coração” (At 2,46) (GRÜN, 2014, p. 36)

Neste sentido, a eucaristia tem sua origem e sua permanência ininterrupta na vida da Igreja, graças a uma ordem precisa dada por Cristo a seus discípulos no decorrer de sua última ceia pascal: “Façam isto em minha memória” (Lc 22,19). Portanto, podemos afirmar que a presença de Cristo na eucaristia não é simbólica, mas, sim, sacramento que nos coloca na presença real do próprio Cristo.

Durante os séculos I e II podemos acompanhar a celebração eucarística tendo um caráter sobretudo doméstico e familiar. Isso era possível pela quantidade reduzida dos participantes, bem como podemos acompanhar o caminho em que a ágape se tornou eucaristia, esse processo foi sendo construído gradativamente através do entendimento que se tinha da palavra ágape. Em princípio a palavra ágape tinha o seu significado de uma ceia (reunião) fraterna que apontava para a comunhão daqueles(as) que se alimentavam juntos. Essas reuniões ocorriam em clima litúrgico: com a presença do bispo e dos outros ministros, com salmos, orações e cânticos.

O crescente número de cristãos produziu mudanças nessa forma de celebrar a eucaristia. Com efeito, a distinção celebrativa se difere diante do mundo palestino-judeu, em que herdeiros têm uma compreensão da refeição como bênção e alegria religiosa, e os que provém do mundo helênico, tinham certos costumes e sensibilidade bastante diversos. Sendo assim, a eucaristia foi celebrada sozinha, sem ágape. Contudo, a enculturação da eucaristia foi desenvolvendo caráter Cristológico. Ao longo do tempo, foram influenciados pela cultura semita, greco-romana e franco-germana.

O pão e o vinho são apresentados como símbolos complementares da comunhão com o divino, ou seja, era comum o consumo de pão e vinho nos banquetes sagrados dos gregos, ou na refeição comum, ou na bênção pascal dos judeus. A concepção que está por trás do pão e do vinho se expressa diante da realidade da criação que se volta para o seu Criador. Portanto, a escolha do vinho e do pão é uma simbologia do banquete eucarístico. Ademais, um banquete não pode representar somente uma forma de saciar a fome e a sede:

Ação de graças e a bênção: embora o sentido original da ação de graças (“eucharistesas”, Lc/1Cor) seja distinto do da bênção (“eulogias” Mt/Mc usam para o vinho também “eucharistesas”; não dizem tanto que houvesse “abençoado o pão e o vinho” mas “depois de bendizer” entende-se a Deus; isto, “tuto” autores querem ler a frase não como “isto é meu corpo”, mas como “meu corpo é isto”, no sentido de que a partir de agora, com a morte, o corpo, a comunicação de Cristo com os seus, vai ser através desta comida; inclusive será o corpo de Cristo [...] meu sangue da aliança, “to haima mou tes diathekes”: estas são as palavras de Jesus segundo Mt e Mc, com o sangue em primeiro lugar. [...] “Haima”, sangue (“dam” em hebraico), é o elemento mais íntimo e sagrado da vida, reservado a Deus nos sacrifícios. Cristo indica que vai ser seu sangue que selará a aliança entre Deus e a humanidade. (ALDAZÁBAL, 2010, p. 62-63,65)

Trata-se de uma refeição fraterna simbólica-sacramental, contudo, uma atitude de fé, olhando para o significativo da comida material pão e vinho, para o significado do memorial acontecimento pascal, que aconteceu na última ceia do Senhor. Tudo isso se torna manifesto pelos gestos e sinais por uma participação: o caráter festivo proveniente da musicalidade e do canto, por meio da comunicação e o diálogo e sobretudo a comunhão. Os santos padres da Igreja apresentam o caráter de banquete⁷ da Eucaristia.

⁷ O evangelho de Lucas conservou umas palavras que atribui ao próprio Jesus e que indicam o que a comunidade primitiva pensava a esse respeito: “Quando deres um banquete, convida os pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos” (Lc 14,13-14). Este mesmo ensinamento se repete pouco depois na parábola do grande banquete (Lc 14,21 par). O verdadeiro sentido teológico da comida compartilhada, segundo o ensinamento evangélico, consiste em compartilhar a vida e se solidarizar com os pobres e desamparados deste mundo (SAMANES, 1999, p. 358.371).

São Tomás de Aquino, cantou de modo magnífico o amor e a grandeza de Deus presente no banquete da Eucaristia:

Oh! Precioso e admirável banquete, salutar e cheio de toda suavidade! O que pode existir de mais precioso do que este banquete no qual se nos oferece, para comer... o próprio Cristo, verdadeiro Deus? Não há nenhum sacramento mais salutar do que este. Ele apaga os pecados, aumenta as virtudes e nutre a alma com a abundância de todos os dons espirituais. A Igreja o oferece pelos vivos e pelos defuntos, para o proveito e a salvação de todos. Finalmente, ninguém é capaz de expressar a doçura deste sacramento no qual saboreamos a suavidade espiritual na sua própria fonte e celebramos a memória do imenso e sublime amor que Cristo mostrou em sua paixão (cf. Ofício das Leituras, Corpus Christi In: SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000).

1.3. A Eucaristia como sacrifício

Olhando ainda para o Concílio de Trento, apresentamos três aspectos básicos que foram tratados nesse Concílio: o sacrifício, a presença real e a transubstanciação. Porém, vamos nos propor somente em falar da eucaristia como sacrifício. Logo nesta época, existiu um grande opositor da Teologia Eucarística chamado Martinho Lutero que, gradualmente, foi radicalizando a sua oposição contra a eucaristia como sacrifício. Contudo, precisamos entender que, de acordo com Aldazábal, a formação de Lutero era nominalista, ou seja, essa doutrina apresenta alguns aspectos como a importância do “sinal” e não a “eficácia”, isto é, a graça, para ser recebida, depende da fé dos que celebram o sacramento “*ex opere operantis*”. Portanto, a graça é mérito de quem busca e não mais gratuidade de um Deus de amor que derrama a sua graça sem distinção de pessoas.

Além disso, Lutero, mesmo sendo professor da Sagrada Escritura, não podia aceitar a dimensão da eucaristia como sacrifício. Para ele era inconcebível a ideia de o cristianismo ter que oferecer algo a Deus “*sacrificium*”, mas somente receber dele, pois, segundo Lutero, Deus é o único que nos dá a sua graça “*beneficium*”. Sendo assim, somente em sentido ascendente, o único que foi capaz de oferecer algo a Deus foi o Cristo Jesus.

Por conseguinte, a fé cristã, conforme Lutero, não tem a sua eficácia nas obras, mas somente na fé. Assim, esta afirmação mostra que todas as mediações Eclesiais, como o Sacerdócio, os Santos, a Virgem Maria e o Cânon Romano da missa, não têm razão de ser no oferecimento de algum sacrifício a Deus.

A eucaristia como memorial para Lutero, segundo a sua formação nominalista, não passava de um anúncio, um louvor, algo bem simples e frágil, ao ponto de ser comparado a uma lembrança subjetiva e não uma atualização do mistério da cruz e do sacrifício de Cristo. Contudo, Trento apresenta um conceito totalmente exato do memorial bíblico, mas para Lutero, a eucaristia não é sacrifício porque é memorial. Todavia, a eucaristia é sacrifício, sem dúvidas, porque é memorial⁸, afirmou o Concílio de Trento, utilizando a própria negativa do reformador.

Da mesma forma, existiram vários outros teólogos católicos que também apresentaram suas ideias mais equilibradas, desde P. Lombardo e Caetano ao dizerem que na cruz o sacrifício é “*in semetipso*”, ou seja, ele mesmo. Bem como na eucaristia, o sacrifício acontece “*in sacramento*”, no sacramento da eucaristia. Segundo Aldázabal (2010, p. 197),

Este sacrifício é um sacrifício verdadeiramente propiciatório, e faz com que nós recebamos misericórdia e achemos graça para auxílio em ocasião oportuna (Hb 4, 16) [...] Uma única e mesma é a hóstia (vítima) e aquele que agora é sacrificado pelo ministério do sacerdote e o mesmo, naquela vez, que se ofereceu a si mesmo na cruz. Apenas o modo do oferecimento é diferente [...] Por isso, ele é oferecido, com justa razão, segundo a tradição dos apóstolos, não só pelos pecados dos fiéis vivos, pelas suas penas, pelas satisfações e outras necessidades, mas também pelos que morreram em Cristo e que ainda não estão inteiramente purificados (DS, pag. 1743).

Visto que, somos membros do corpo de Cristo Jesus, assim nos afirmar o apóstolo Paulo em 1 Cor 12, 27: “Portanto, todos os cristãos católicos oferecem o seu sacrifício de louvor pelas mãos do próprio Cristo Jesus, ao se entregar em cada Santa Missa celebrada do nascer ao pôr do Sol” (Sl 50,1), indicando que a nossa oferta está unida ao sacrifício de Cristo Jesus, não pelos nossos méritos, mas pelos próprios méritos de Cristo, somos convidados com Ele a oferecer ao Pai um sacrifício perfeito:

A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa na oblação da sua Cabeça. Com Ele, ela própria é oferecida integralmente. Ela une-se à sua intercessão junto do Pai em favor de todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho unem-se aos de Cristo e à sua oblação total, adquirindo assim um novo valor. O sacrifício de Cristo

⁸ A eucaristia é “memorial”, “representação” e “aplicação” do sacrifício pascal de Cristo, como a ceia pascal dos Judeus é memorial e atualização do grande acontecimento salvador do êxodo: “[...] Na última Ceia, para deixar à sua amada esposa, a Igreja, um sacrifício visível, como exige a natureza dos humanos, pelo qual se representasse aquele seu sacrifício sangrento que havia de consumir-se uma só vez na cruz e sua memória permanecesse até o fim dos séculos e sua eficácia salutar se aplicasse para a remissão dos pecados que diariamente cometemos [...] ofereceu a Deus Pai seu corpo e seu sangue sob as espécies de pão e de vinho e sob os símbolos dessas mesmas coisas, as entregou para que as tomassem seus apóstolos [...]. Porque, celebrada a antiga Páscoa, que a multidão dos filhos de Israel imolava em memória da saída do Egito, instituiu uma Páscoa nova, que era ele mesmo, que havia de ser imolado pela Igreja por ministério dos sacerdotes, sob sinais visíveis, em memória de seu trânsito deste mundo ao Pai... (cf. DS 1740-1741).

presente sobre o altar proporciona a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unirem à sua oblação. Nas catacumbas, a Igreja é frequentemente representada como uma mulher em oração, de braços estendidos em atitude orante. Como Cristo, que estendeu os braços na cruz, assim, por Ele, com Ele e n'Ele, a Igreja oferece-se e intercede por todos os homens. (CIC, 1368)

Logo, essa ideia de Lutero e dos demais reformadores que não aceitavam a eucaristia como sacrifício, dizendo que é uma ofensa e uma blasfêmia contra o valor e unicidade do sacrifício de Cristo Jesus, na verdade, é não aceitar humildemente que fomos incorporados nesse mistério sacrificial de Cristo, não por nossas forças humanas, mas puramente por graça de Deus, pois ele, assim o quis:

Em suma, a própria resposta do Concílio de Trento aos reformadores está contida na sessão XXII, que: “conjuga a unicidade do sacrifício de Cristo – duas vezes afirmada – com o caráter sacrificial da eucaristia, querida por ele mesmo. Nos cânones concretiza a postura teológica, condenando firmemente as afirmações de que “na missa não se oferece a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício”, ou que “o sacrifício da missa é uma blasfêmia ao santíssimo sacrifício de Cristo realizado na cruz” ou que o memorial não é mais que uma “*nuda commemoratio*” (DS 1751- 1754).

Portanto, existe apenas a distinção de como se dá esse sacrifício⁹, pois outrora, na cruz, o sacrifício foi de forma cruenta, ou seja, com derramamento do sangue de Cristo Jesus suspenso no madeiro da cruz. Agora, na atualidade, acontece o mesmo sacrifício, só que de forma incruenta, sem derramamento de sangue, mas o Sacerdote é o mesmo e a vítima, Cristo Jesus. Certamente o que difere é apenas o modo da oferenda, “*ratio offerendi diversa*”.

1.4. A Eucaristia e sua relação com os pobres

“Este pobre clama e o Senhor escuta” (Salmo 34,7). Podemos perceber com este salmo o qual valiosa é a vida dos pobres, ao ponto de o salmista relatar que os ouvidos do Senhor estão atentos aos clamores dos pobres. O Papa Francisco (2018), na mensagem do *II Dia Mundial dos Pobres*, dia 18 de novembro de 2018, nos convida a fazermos deste

⁹ Por outro lado, o Concílio Vaticano II fala do sacrifício eucarístico, notam-se claramente mudanças que supõem uma melhora na compreensão teológica do tema em relação a Trento: portanto, não se usa mais o verbo “representar” para não cair na ambiguidade de uma ação teatral, mas agora se utiliza o verbo “perpetuar” dizendo explicitamente que a eucaristia é memória da morte e da ressurreição, não só da paixão; além da categoria sacrificial, não se descuidava de lembrar que é também alimento, que é “*convivium paschale*”; e que a eucaristia é “*pignus futurae gloriae*”: “instituiu o sacrifício eucarístico de seu corpo e sangue. Por ele perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua dileta Esposa, o memorial de sua morte e ressurreição [...] banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória” (*Sacrosanctum Concilium*, 47).

salmo também as nossas palavras. Principalmente quando consideramos a realidade de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs. Logo, este salmo nos permite compreender que nós também estamos rodeados por tantas formas de pobreza, e não podemos simplesmente fechar os olhos, mas reconhecer suas necessidades e fazer alguma coisa para aliviar essa situação. Portanto, se a eucaristia é um dom gratuito de amor e entrega, logo, podemos entender que o Cristo Jesus se fez pobre com os pobres para que todos pudessem participar das celebrações eucarísticas. Além disso, podemos fazer memória ao ritual do Antigo Testamento, onde os pobres ofereciam um par de rolinhas para participar das orações do templo de Jerusalém e participar da liturgia nele celebrada.

Entretanto, existe uma característica neste salmo é atitude do pobre, pois ele clama a Deus, portanto, esse clamor deve atravessar o mais alto dos céus e chegar a Deus, pois está contido nesse brado o mesmo sentimento do Cristo Jesus, que pedia ao Pai que afastasse o suplício da cruz, mas, ao mesmo tempo, suspenso na cruz, tornou-se resiliente à vontade do Pai. No entanto, fica para nós a seguinte questão: Como podemos nos aproximar da sagrada eucaristia e não conseguimos ver esse mesmo Cristo Jesus que caminha por nossas cidades com fome, com sede, estrangeiro, nu, doente, na prisão? Assim como relata o evangelista Mateus (25,35-45). Ademais, somos impelidos pelo próprio Cristo Jesus a dar passos em direção a esses irmãos e irmãs, ao ponto que a nossa ação e atitude não deve gerar constrangimento e humilhação, seja pela nossa postura e comportamento, mas de acordo com Francisco: “Muitas vezes temo que tantas iniciativas, apesar de meritórias e necessárias, visem mais comprazer-nos a nós mesmos do que acolher verdadeiramente o clamor do pobre. Se assim for, quando os pobres fazem ouvir seu brado, a reação não é coerente, não é capaz de sintonizar com a condição deles” (FRANCISCO, 2018).

O segundo movimento que podemos perceber a partir do salmista é o Senhor que não somente escuta o clamor do pobre, mas responde às suas súplicas. Logo, a resposta amorosa do Senhor está presente na história da salvação, por conseguinte, a intervenção cheia de zelo e cuidado para com o pobre é uma das características do amor de Deus. Assim aconteceu com Abraão, que deixa tudo para ser nômade juntamente com sua esposa Sara, confiando na promessa de uma descendência mesmo os dois em idade avançada (cf. Gn 15,1-6). Outro personagem bíblico que faz experiência semelhante é Moisés, diante da sarça ardente de fogo que não se consumia, dialogou com Deus que revelou seu próprio nome e ainda lhe deu uma missão que era tirar os hebreus das mãos

do Faraó do Egito (cf. Ex 3,1-15). Esse percurso que o Senhor não deixou de alimentar o seu povo, sobretudo através do maná como prefiguração da sagrada eucaristia que era dada a todos que estavam fazendo o percurso até a terra prometida.

Podemos perceber que Deus sempre haverá de intervir quando o assunto for os pobres, fazendo-lhes justiça, pois conforme o autor sagrado do livro de Gênesis, onde todo o gênero humano são imagem e semelhança, assumindo um lugar de dignidade diante da criação, agora o homem tem a responsabilidade de cuidar e, ao mesmo tempo, tirar o sustento desta terra, que não é propriedade exclusiva de alguns, mas todos têm o direito de usufruir desses bens temporais entregue aos cuidados dos homens (cf. Gn 1,27-30). Assim devem ser as nossas celebrações eucarísticas, onde todos deveriam ter acesso à sagrada comunhão, principalmente os pobres, tal qual a viúva que ofereceu no Templo de Jerusalém tudo o que ela tinha, ou seja, na sua pobreza confiou estritamente sua vida ao Senhor, por isso Cristo Jesus vai fazer referência dizendo que ela deu uma oferta verdadeira e não a sobra dos seus bens, mas tudo o que possuía para viver (cf. Mc 12,41-44).

O terceiro movimento, de acordo com Francisco, é o libertar. Os textos bíblicos nos apresentam o pobre não como uma condição buscada por ele mesmo, mas sim por uma injustiça social que nasce do egoísmo, soberba, avidez, ou seja, nos primórdios da existência humana, os homens já lutavam para obter vantagem sobre o seu semelhante. Porém, todas as ciladas que têm por objetivo roubar a dignidade dos pobres que são nossos irmãos e irmãs, o Cristo Jesus denuncia as artimanhas dos poderosos que tentam oprimir os pobres, concedendo o socorro. Logo, a salvação de Deus atinge a vida dos pobres, mesmo que eles sejam excluídos das Igrejas, de nossas celebrações litúrgicas com a desculpa que estão atrapalhando o momento de encontro com Deus. Eles não perderam a dignidade de filhos de Deus. Portanto, o que nos resta é fazermos um movimento de encontro com eles a fim de que nossa ação seja fraterna, comunitária e, sobretudo, eucarística, litúrgica e social, para devolver plenamente esses nossos irmãos e irmãs à sociedade, exigindo de nós uma atenção apurada sobre os seus clamores para socorrê-los (cf. *Evangelii Gaudium*, n. 187).

Haja vista que o grande desafio é fazer que os pobres tenham lugar em nossas comunidades e não sejam tratados como marginais, ou seja, à margem da sociedade, mas possam sentir parte dessa Igreja, desse corpo místico de Cristo, para poderem assumir a sua dignidade de filhos de Deus, logo são chamados para o banquete eucarístico, assim conforme o salmista dizia: “Os pobres comerão e serão saciados” (Sal 22, 27). Conforme

a mensagem do Papa Francisco (2018) para o II Dia Mundial dos Pobres, nº 7, “o templo de Jerusalém, depois do rito do sacrifício, era também lugar de banquete”. Além disso, a experiência de rezarmos juntos, principalmente no Dia do Senhor, deve nos remeter à experiência da Igreja primitiva cristã, onde o evangelista Lucas descreve da seguinte forma: “Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações (...). Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíaam o dinheiro por todos, conforme as necessidades de cada um.” (At 2,42.44-45).

1.5. O lava-pés apresenta uma relação com a Eucaristia

A narrativa de Jesus lavando os pés dos seus discípulos no evangelho de João 13,4-17, apresenta um diálogo entre Jesus e seu discípulo Pedro. Entretanto, é preciso entender de onde nasce esse gesto de Jesus. De acordo com Léon-Dufour (1996, p. 22), em seu livro *Leituras do Evangelho Segundo João*, a ação de lavar os pés era comum no Antigo oriente, pois tinha a finalidade de honrar um hóspede que fez um longo caminho e ficou com os pés cheios de poeira. Tal ação se dava por um criado da família que poderia ser realizada antes da refeição. Neste sentido, percebemos que o gesto de Cristo Jesus correspondia com essa tradição oriental, pois o lava-pés estava acontecendo numa Ceia.

Por conseguinte, o evangelista Lucas, em seu texto, vai expressar de uma maneira muito clara o desejo de Cristo Jesus ao dizer: “Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve.” (Lc 22,27). Em outra passagem bíblica, comunicando o final dos tempos, Lucas também afirma: “O Senhor, que à sua chegada, encontrar vigilantes os servos, em verdade vos digo, ele os colocará à mesa e, passando de um a outro, os servirá.” (Lc 12,37). Entendemos que nestes dois textos está presente o serviço à mesa; por isso, fica para nós muito clara a reação de Pedro ao dizer para Jesus: “Jamais me lavarás os pés!” (cf. Lc 13,9), ou seja, essa ação serviçal, segundo a tradição oriental, não poderia ser feita por Jesus, porque Cristo Jesus era o Mestre dos discípulos.

Ademais, percebemos que Pedro é o porta-voz do grupo dos discípulos, mas a palavra de Jesus termina na negativa de Pedro quando Jesus diz: “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo!” (Cf. Jo 13,8). Mas, conforme Léon-Dufour (1996, p. 25), Pedro acredita que essa ação de Cristo Jesus era um novo rito de purificação, estando posto no próprio texto a fala de Pedro que pede: “Que não sejam lavados somente os pés, mas as mãos e a cabeça”, porém, Jesus percebendo que Pedro não tinha entendido que

esse gesto de lavar os pés, vai repreendê-lo dizendo que” quem está limpo não precisa se lavar de novo”(cf. Jo 13,9), portanto, não era um ato de purificação e muito menos um ato comum de tomar banho, logo este ato está fazendo alusão ao Batismo, ou seja, o banho da regeneração no Espírito Santo. Esta é a teologia que estava escondida nesse gesto do, lava pés.

Segundo a audiência geral do Papa Francisco na quarta-feira, dia 1.º de abril de 2015, sobre o Tríduo Pascal, especificamente na celebração da Quinta-feira Santa, a Igreja Católica fez memória daquele evento histórico que marcou os cristãos católicos, celebrado até hoje: a instituição da eucaristia. E, por conseguinte, a ação de Cristo Jesus através da atitude de lavar os pés. Portanto, é possível perceber a ação de Cristo Jesus como um servo, aquele que lavou os pés de Pedro e dos outros onze discípulos (cf. Jo 13, 4-5). Este gesto profético de Cristo Jesus vai dar todo o sentido de sua Vida e Paixão, mediante uma entrega total e livre a Deus Pai e, ao mesmo tempo, uma entrega amorosa aos seus irmãos. Logo, faz todo o sentido quando o apóstolo Marcos diz: “De fato, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.” (Mc, 10,45).

Além disso, todos os batizados cristãos experimentam através do batismo essa realidade, pois a graça de Deus nos lavou do pecado e nos revestimos de Cristo Jesus (cf. Cl 3,10). Neste sentido, todas às vezes que participamos da comunhão eucarística somos impelidos a obedecer ao Cristo Servo que nos diz em seu mandamento para nos amarmos mutuamente como Ele nos amou (Jo 13, 34; 15, 12). Portanto, se recebermos a sagrada comunhão sem estarmos dispostos a lavarmos os pés uns dos outros, não podemos reconhecer o próprio Cristo Jesus que se doa a si totalmente.

Ademais, essa entrega do próprio Cristo Jesus que se fez servo, ao ponto de ajoelhar-se diante de seus discípulos, ensinando que é necessário ser servo de todos, deve ser uma das características dos discípulos e missionários de Cristo Jesus. Contudo, podemos perceber que o Cristo Jesus inverte a lógica de Senhor e escravos, pois não era normal para a cultura da época esse tipo de gesto, de lavar os pés de seu empregado, súdito, servo ou discípulo.

Isso porque, na verdade, essa atitude tem tudo a ver com a eucaristia, pois o Cristo Jesus, nas espécies eucarísticas, não faz distinção, mas se entrega totalmente como alimento de salvação para os fiéis católicos e não católicos, visto que Ele não se nega a ninguém. Isto parte mais da disposição dos corações que desejam estar íntimos ao Cristo Jesus, pois Ele não mediu esforços ao ponto de dizer que estaria todos os dias conosco. Neste sentido, essas duas entregas de Cristo Jesus, seja na eucaristia como ato de amor,

presença e cuidado pelo seu, ou através desta lição de lavar os pés, percebemos que existe uma *Kenosis* voluntária, com um fim estritamente pedagógico para os presentes discípulos e os futuros missionários da Igreja atualmente, pois esse rebaixamento tem o seu modo de ser, buscar e salvar a todos, outrora, deve servir como ponto de reflexão presente no cotidiano daqueles que desejam imitar o Cristo Jesus.

Entretanto, no papado de Francisco, ele mesmo pediu para o cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos do Vaticano, uma mudança sobre o ritual que correspondia à Missa da Ceia do Senhor. A ideia, segundo Francisco, é mudar a rubrica do *Missal Romano*, pois havia um entrave diante daquele que se deveria lavar os pés, logo, estava estritamente na rubrica do missal que só poderiam ser homens ou meninos. Com isso, o pedido de Francisco foi para que todos os pastores da Igreja possam escolher os seus participantes no ritual, ou seja, qualquer pessoa que faça parte da assembleia, ou seja, ambos os sexos masculino ou feminino.

Por isso da atitude do Papa em não celebrar a Missa da Ceia do Senhor na Basílica de São João de Latrão, em Roma, e sim em uma prisão de menores infratores na *Casal del Marmo*, onde ele lavou os pés de algumas meninas, sendo uma delas da religião muçulmana. Por outro lado, essa atitude do Papa gerou severas críticas de alguns membros da Igreja. Contudo, essa ação reverberou também aqui no Brasil, por meio do Cardeal Odilo Pedro Scherer, que fez questão de celebrar a Paixão de Jesus em procissão pela triste realidade social localizada no centro de São Paulo, na região da chamada Cracolândia, significando uma profunda comunhão com o Papa Francisco.

1.5.1. A Eucaristia como partilha

Para entrarmos na problemática da comunidade de Corinto sobre a eucaristia, podemos, de acordo com Aldazábal, descrever alguns aspectos históricos onde está situada a comunidade de Corinto. Assim sendo. Corinto era considerada, em sua época, uma cidade grande, capital da província romana de Acaya, localizada entre dois portos marítimos. Sua fama era de cidade pervertida, desregrada, depravada, pagã, local onde existiam muitos templos para os diversos deuses. Portanto, foi neste contexto que Paulo escreveu suas duas cartas 1Cor e 2Cor.

Após este breve relato da localização geográfica da cidade de Corinto, podemos adentrar diretamente na problemática da comunidade de (1Cor 11,17-34) onde

Paulo vai descrever a situação encontrada nela a respeito de alguns irmãos que comiam e bebiam exageradamente na Ceia eucarística. Paulo foi muito enérgico e duro, ao ponto de convidar esses irmãos a irem comer em suas casas, pois estavam gerando escândalos para os demais irmãos.

Além disso, a forma de celebrar a eucaristia na comunidade de Corinto, segundo Aldazábal (2010), era para que eles se reunissem para realizar a ceia comunitária, porém, nem todos conseguiam chegar no horário determinado e, com isso, os primeiros acabavam não esperando os demais. Sobretudo os pobres, que eram os que chegavam tarde. Diante dessa realidade, Paulo denuncia, de forma enérgica, a falta de caridade fraterna nesse tipo de comportamento, pois existia uma classe rica de pessoas que chegavam antes, com seus próprios pães e vinhos finos, e quanto a isso não há problema, mas não pensar nos irmãos que estavam trabalhando no porto de Corinto, isto, sim, é uma falta cometida pela comunidade de Corinto que será combatida por Paulo.

Todavia, a carta de Paulo aos Coríntios, nos capítulos e versículos mencionados no início deste subtítulo, trata especificamente do tema da eucaristia apresentada para nós, debruçando sobre duas realidades específicas apontadas por ele: a dimensão eclesial, ou seja, a Igreja; juntamente com a dimensão ética-moral da eucaristia. Logo, na visão paulina, a vivência fraterna e a comunhão eclesial, só podem acontecer na eucaristia como fonte de amor, onde a falta de compromisso com Cristo Jesus e com os irmãos não podem ser admissíveis. Este tipo de comportamento, que outrora é denunciado pelo apóstolo, fere o compromisso ético-moral para ser um discípulo de Cristo Jesus, bem como um fechamento para se professar a fé. Entretanto, nossas refeições eucarísticas não podem excluir ninguém, pelo contrário, deve-se compartilhar tudo com todos, principalmente com os pobres, os marginalizados e os pecadores. Esta atitude confere a nós uma autenticidade evangélica, ao ponto em que a eucaristia não será objeto de censura nem por parte de Cristo Jesus, nem por parte dos homens, mas profundamente um ato de louvor a Deus.

CAPÍTULO II

A pobreza no Brasil a luz dos dados públicos de São Paulo, especificamente sobre as pessoas em situação de rua da metrópole paulistana

2.1. A situação atual das pessoas em situação de rua a partir dos dados governamentais

Neste capítulo são apresentadas informações oficiais dos órgãos públicos competentes que averíguam os dados das pessoas em situação de rua. Para tanto, contamos com o auxílio do especialista Marco Antônio Carvalho Natalino (2016; 2022), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada Ipea, que fez uma estimativa do crescimento das pessoas em situação de rua nas seguintes capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Boa Vista, Florianópolis.

Esses são os números de municípios que informam o ano e a quantidade de pessoas em situação de rua, sendo publicado pelo “Sistema Único de Assistência Social” (Censo Suas) e o Cadastro Único (CadÚnico) entre os anos de 2013 e 2019, informando o total de pessoas nos municípios cadastradas e atendidas pela assistência social desses dois órgãos públicos.

O Observatório Brasileiro de Políticas Públicas (2023) relatou um crescimento de 16% da população em situação de rua no Brasil, entre os meses de dezembro de 2021 e maio de 2023. Esta pesquisa foi realizada nos Polos de Cidadania da Universidade Federal de Minas Gerais (CAROLINA FIGUEIREDO, 2022). Logo, os pesquisadores da Universidade mencionada anteriormente consideraram que existe uma subnotificação da população em situação de rua, ou seja, há uma variação entre 45 e 50% mencionada pelo CadÚnico.

Tabela 1 - Número de pessoas em situação de rua por Grande Região (2012-2022)

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
2012	3.147	16.088	46.702	15.928	8.615	90.480
2013	3.290	17.062	50.576	16.423	8.895	96.246
2014	3.656	17.804	57.482	57.482	17.859	9.850
2015	4.089	24.754	63.914	19.544	10.803	123.104
2016	4.622 27	27.698	74.197	21.957	10.313	138.785
2017	5.674	26.590	89.173	27.296	11.881	160.614
2018	7.826	29.827	99.726	32.975	14.325	184.749
2019	8.002	34.705	114.413	32.731	14.809	204.660
2020	9.404	35.721	120.104	34.809	14.413	214.451
2021	17.695	43.723	122.255	32.562	15.912	232.147
2022	18.532	53.525	151.030	39.178	19.207	281.472

Fonte: IPEA, 2015.

Segundo os dados da pesquisa feita pela Universidade de Minas Gerais, o perfil dessas pessoas é constituído da seguinte maneira:

- 1) 68% se declaram negras, 31% brancas e 1% indígenas e amarelas.
- 2) 87% do sexo masculino e 13% feminino.
- 3) 93% em condições de extrema pobreza e pobreza.
- 4) 84% recebem Auxílio Brasil (Bolsa Família).
- 5) 87% com idade entre 18 e 59 anos, 3% crianças/adolescentes (0 a 17 anos) e 10% acima de 60 anos.
- 6) 15% apresentam alguma deficiência.
- 7) 47% têm o ensino fundamental incompleto, 14% ensino fundamental completo, 16% ensino médio completo e 9% incompleto, 11% não têm “instrução” (não sabem ler e escrever) e 2% ensino superior incompleto ou completo.

Tabela 2 - Posição das capitais (maio de 2022)

Colocação	Cidade	Número de pessoas em situação de rua
1º	São Paulo	42.240
2º	Rio de Janeiro	10.624
3º	Belo Horizonte	10.241
4º	Brasília	6.339
5º	Salvador	5.561
6º	Fortaleza	4.896
7º	Curitiba	3.020
8º	Porto Alegre	2.363
9º	Boa Vista	1.798
10º	Florianópolis	1.498

Fonte: CAROLINA, 2012.

Segundo consta nos registros de nota técnica do, Ipea, publicados em 2010, foram incluídos no Cadastro Único (CadÚnico) a população em situação de rua, significando, assim, que parte destes cidadãos saiu do anonimato para poder usufruir do Sistema Único de Saúde (SUS), órgão próprio das Políticas Públicas do Brasil.

Contudo, ainda existe um grande risco de tratar essas pessoas como cidadãos de segunda classe por serem menos favorecidos em todos os aspectos da vida em sociedade. Desde 2013, todas as secretarias municipais de assistência social de São Paulo e Rio de Janeiro, informaram a quantidade de pessoas em situação de rua em seus municípios. Pois, essas informações são coletadas anualmente pelo Ministério da Cidadania, realizado por meio de um questionário eletrônico conhecido por Censo Suas - Sistema Único de Assistência Social.

Conforme Marco Antônio, existem políticas sociais que, segundo ele, são um legado de invisibilidade do povo em situação de rua, construída de forma silenciosa por parte da sociedade e pelos órgãos de poder público.

Ademais, padre Júlio Lancellotti fez críticas ao Censo da população de rua de São Paulo, pois os números apontam que a cidade tem 31.884 pessoas vivendo nas ruas (ALBUQUERQUE, 2022). Segundo o Censo divulgado pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de São Paulo, houve um crescimento para 31% de 2019 até o final de 2021, data da conclusão do Censo. Conforme a Secretaria Municipal, de 24.344, subiu para 31.884, ou seja, um aumento de 7.540 pessoas. Contudo, o portal G1 (2022) mostra que “os dados comparativos das 645 cidades paulistas, ou seja,

69,6% do total, têm quantidade de moradores menor que a população em situação de rua aferida na cidade de São Paulo.”

2.2. O que levou as pessoas a viverem nas ruas

Diante deste fenômeno sobre a população de rua, podemos analisar as múltiplas e complexas situações desse grupo heterogêneo com seus fatores estruturais, como “ausência de moradia, trabalho e renda, mudanças econômicas e institucionais, rupturas com os laços familiares, doenças mentais, falecimento de entes queridos, assaltos de bens e ainda outros acontecimentos de ordens naturais, como enchentes, inundações, ausência de trabalho regular, uso de álcool e entorpecentes, situações de desabrigo, cabendo aqui enfatizar que a história mostra que o fenômeno está nitidamente vinculado à sociabilidade do capital” (SILVA, 2009).

Neste sentido, podemos pensar na complexidade da situação do povo de rua, ou seja, não existe uma causa e sim causas que podem levar o indivíduo a morar na rua, mas as probabilidades estão profundamente relacionadas com a própria formação social, econômica, cultural. Desta forma, compreende-se que há um crescimento mundial da população em situação de rua, posto que não se constitui mais somente dos mendigos tradicionais, dos hippies, das pessoas com deficiência física ou mental, ou dos vagabundos, como outrora eram denominados, posto que a esta população juntam-se os desvinculados do mercado de trabalho. (BURSZTYN, 2000).

Esses dados são de grande relevância ao serem confrontados com a pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça Brasil”. De acordo com essa publicação, dentre os 10% da população brasileira que goza de maiores rendimentos, apenas 27% são constituídas por pretos ou pardos. A balança muda com relação aos 10% com menores rendimentos e nesse caso, pretos ou pardos correspondem a um percentual de 75,2%. Com relação à renda média per capita, os brancos ganham quase o dobro dos pretos e pardos. O IBGE, utilizando os parâmetros do Banco Mundial para apontar a linha da pobreza, ou seja, para tratar de pessoas que sobrevivem com rendimentos inferiores a US\$5,5 por dia, destaca que destes, o total é de 15,4% para brancos e 32,9% para pretos ou pardos. Vivendo abaixo da linha da pobreza, de acordo com os parâmetros de US\$1,90 por dia, temos 3,6% de brancos e 8,8% de pretos ou pardos (NILZA *et al.*, 2021, p. 31)

Portanto, ainda hoje pode ser notado o reflexo da escravidão do povo negro, mesmo com a abolição da escravatura em 1888, quase como que uma doença crônica, as pessoas pretas ainda hoje sentem a segregação racial e a desigualdade social, onde, como visto acima, ficam sempre na parte inferior. Tudo isso nos faz questionar se realmente as pessoas pretas e pobres são enxergadas como pessoas. Além disso, outro ponto a ser

considerado é que não sabemos com precisão os fatores e situações que levaram a pessoa a viver na rua, porém, é mais fácil usar termos pejorativos para descrevê-los como mendigos, vagabundos, preguiçosos, sujos e tantas outras coisas, haja vista, que esta população em situação de rua não está inserida na produtividade do mercado de trabalho.

[...] a desigualdade educacional indicou um quantitativo quatro vezes maior de analfabetos pretos ou pardos em relação a brancos. Mais da metade da população brasileira (56%) é constituída por pretos ou pardos. Levando em consideração o quesito racial, há grande desvantagem vivenciada por esse grupo: mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia, educação, violência e representação política. Considerando que a educação formal e qualificação profissional têm impactos tanto na renda, quanto na colocação no mercado de trabalho, temos uma massa de indivíduos muito mais suscetível a sofrer o processo de rualização. (NILZA *et al.*, 2021, p. 31)

Outro problema identificado é que, algumas pessoas em situação de vulnerabilidade social, foram obrigadas, por milicianos e traficantes, a saírem de suas casas, seja por dívidas contraídas e não pagas ou por não aceitarem viver segundo às regras da comunidade. Logo, não tendo outro recurso, acabam ficando nas ruas. Acabam tornando-se nômades de cidade em cidade para tentar reconstruir sua vida, porém, com pouco recursos financeiros e o desconhecimento das políticas públicas e sociais do seu Estado, não que lhes resta outra opção a não ser as ruas em muitas situações. (SALDANHA, 2014).

O “morar na rua” não é apenas um problema social, mas também um problema público: ele ocupa um lugar incontornável no espaço público, midiático e político (regulamentar, legislativo) e nos espaços públicos urbanos (ruas, praças, jardins públicos, espaços intersticiais). Sua dimensão pública associa de forma inextricável os desafios políticos e urbanos: a presença de pessoas sem abrigo nos espaços urbanos interroga as capacidades das nossas democracias a enfrentar a exclusão dos mais vulneráveis, seja pelas acomodações cotidianas da urbanidade seja pela ação pública na qual estão engajados associações e poderes públicos” (CHOPPIN *et al.*, 2013, p. 101).

É necessário ter uma frente ampla de políticas públicas e privadas para elaborar diversos processos de saídas das pessoas em situação de rua, já que é um fenômeno que afeta todas as instâncias de uma sociedade, sem falar que é um ato de cidadania. Além disso, não podemos ver com normalidade tantas pessoas, das mais diversas faixas etárias, nas ruas e achar que isso é normal. Deveríamos ter o mínimo de empatia com essas pessoas, partilhando um pouco da nossa atenção e vida com elas. Portanto, não se pode ficar de braços cruzados dizendo que “não tenho nada a ver com essa situação”.

A religião tem esse poder de nos conectarmos com as pessoas e assim nasce a possibilidade de dar uma resposta solidária e humana diante das necessidades dessas

peessoas em situação de rua: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum; vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2,44-45).

2.3. A aporofobia tem alguma relação com a fala de Jesus que disse: “pobre sempre tereis.” (Jo 12,8)

A aporofobia tem por definição, segundo a filósofa Adela Cortina (2020), o repúdio, a aversão ou desprezo pelos pobres ou abandonados, ou seja, uma antipatia para com as pessoas em situação de pobreza ou miséria. Portanto, essa frase afirmativa de Jesus (cf. Jo 12, 8) “Pobres sempre tereis” é, na verdade, uma convocação para ajudar essas pessoas que estão nessa condição social, tirando-as da marginalidade da existência humana, fruto da desigualdade existente na sociedade atual, onde esse grupo populacional é carente de políticas públicas que transcorrem pela moradia, saúde, educação, assistência, etc.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (*Gaudium et Spes*, n.º 1).

Para bem ilustrar este conceito, tomemos por exemplo a famosa sitcom (programa do gênero comédia) “Sai de Baixo”, produzida e exibida pela TV aberta (Rede Globo) entre os anos de 1996 e 2002, que teve grande destaque e sucesso por seus personagens, principalmente o ator Miguel Falabella, conhecido neste seriado por “Caco Antibes”, o qual se utilizava de uma frase profundamente preconceituosa: “Eu odeio pobre!” ou mesmo “Tenho horror a pobre!” e que se tornou a marca registrada desta sitcom, tendo uma ótima aceitação por seus telespectadores, com o resultado de altíssima audiência durante o período em que permaneceu no ar.

Entretanto, esta frase, “Odeio pobre!”, é uma síntese concreta do conceito de “Aporofobia”, cunhada pela filósofa espanhola Adela Cortina (2020), mostrando que a etimologia da palavra no grego significa aporos (pobre) e fobia (medo; aversão). À medida que a aporofobia vai se manifestando de várias formas, ela se contrapõe às palavras de Jesus Cristo (cf. Lc 16, 19-25; Mt 25, 36). Contudo, no 3º Dia Mundial dos

Pobres, dia 17 de novembro de 2019, o Papa Francisco (2019) encerrou a sua homilia dominical dizendo: “Os pobres facilitam-nos o acesso ao Céu, e é por isso que o sentido da fé do povo de Deus os viu como os porteiros do Céu. Já desde agora, são o nosso tesouro, o tesouro da Igreja”.

Contudo, essas atitudes de aversão aos pobres, fazem parte da nossa convivência em sociedade, assim como teve uma grande repercussão nas redes sociais e televisivas a falta de sensibilidade do ex-ministro da economia Paulo Guedes, que no mês de fevereiro de 2020, fez um comentário ao dizer: “[...] empregada doméstica estava indo para *Disney*, uma festa danada” (SANTIAGO, 2022). Ou seja, a *Disney*, segundo o ministro, não deveria ser lugar de pessoas comuns, mas somente lugar de pessoas ricas na sociedade. Essa atitude é uma, entre tantos casos. Porém, por ser uma pessoa pública, essa situação ganhou destaque midiático, mas nós sabemos que esse tipo de constrangimento é recorrente dentro da sociedade em que vivemos, onde o que importa são os seus bens e não a pessoa em si.

Entretanto, é preciso dizer que, atualmente, existe a chamada aversão aos pobres numa estrutura chamada de “arquitetura hostil”. Nada mais é que construções urbanas cuja finalidade é impedir as pessoas de utilizarem determinados espaços, na intenção de preservar o lugar limpo e o bem-estar de qualquer pessoa que passe naquele local. Tal ação de higienização se faz presente por meio de barras de ferro para proteger bancos, grades ao redor de algumas praças, ferros pontiagudos debaixo dos viadutos, canteiros com pedras ou vidros. Tudo isso para impedir que alguém possa descansar nesses locais, sobretudo as pessoas que vivem em situação de rua.

Conforme os editores, Eduardo Souza e Matheus Pereira, do *Site ArchDaily*, especializados em arquitetura e urbanismo, apresentaram alguns exemplos de construções e objetos que podem “afastar ou excluir pessoas “indesejáveis” mediante cercas elétricas, arames farpados, grades no perímetro de praças e gramados, bancos públicos com larguras inferiores ao recomendado pelas normas de ergonomia, bancos curvados ou, ainda, assumindo geometrias irregulares compondo:

A “arquitetura hostil” tem por finalidade primeira inibir, dentro desse design urbano, eliminar e restringir o acesso desses espaços públicos à presença de algumas pessoas. Mas o alvo principal são as pessoas em situação de rua que em muitas situações fazem desses espaços o seu lugar de repouso e descanso para seus corpos e convivência entre eles mesmos. Neste sentido, fica perceptível que é uma “arquitetura antimendigo”, expressão escolhida por uma reportagem da Folha De São Paulo (EDUARDO; MATHEUS, 2023)

Visto que a situação da população em situação de rua do Estado de São Paulo cresceu expressivamente, o prefeito José Serra, no ano de 2005, instalou rampas de concreto na passagem subterrânea que liga a Avenida Paulista à Avenida Doutor Arnaldo, tendo por objetivo não permitir a permanência de transeuntes, recebendo o nome de “rampa antimendigo”.

Assim como, em 2007, sob a gestão de Gilberto Kassab, foi reinaugurada a praça da República, no centro de São Paulo. Contudo, ele fez questão de incluir os bancos “antimendigo”, que tem em suas divisórias ferro para impossibilitar que alguém pudesse deitar nele para preservação do espaço público. De igual modo, o prefeito Fernando Haddad, em 2014, teve a “brilhante” ideia de colocar nos canteiros das pilastras da linha 1- azul do metrô, paralelepípedos onde, coincidentemente, esse espaço era utilizado pelas pessoas em situação de rua para descansar e dormir. E o motivo para tal ação é sempre visando o patrimônio público e não a pessoa humana.

À medida que a aporofobia é uma aversão aos pobres, esse conceito contrapõe os documentos da Igreja Católica, que contempla a dignidade do homem, que deve ser respeitada e preservada, em vista que “o ser humano na terra, é a única criatura querida por Deus, por si mesma”, diz a encíclica social do Papa João Paulo II, *CENTESIMUS ANNUS*, n.º10. Portanto, o homem sendo *Imago Dei* (imagem de Deus), ou seja, o homem tornou-se digno de Deus, ao ponto do próprio Jesus assumir a nossa natureza humana (Tm 2.5). Por conseguinte, cada indivíduo traz a dignidade de pessoa “ele não é apenas uma coisa, mas alguém [...] capaz de conhecer-se, de possuir-se, de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas. E é chamado, por graça, a uma aliança com o seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, n.º 108).

Por conseguinte, podemos acompanhar as obras dos nossos contemporâneos que conviveram e convivem com os pobres como: Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes, Padre Júlio Lancellotti, Casa do Povo da Rua, bem como as comunidades: Aliança de Misericórdia, Missão Belém, Toca de Assis, Voz dos Pobres, etc. Assim, também, outras instituições que fazem esse trabalho social e resgate da pessoa humana em situação de rua, tendo como modelo a religião que busca religar as pessoas com o transcendente e, por consequência, ao seu próximo.

Entretanto, pegou mal a colocação de pedras pontiagudas colocadas pela Prefeitura do Município de São Paulo, debaixo do viaduto dedicado a Dom Luciano Mendes, pois contradiz todo o trabalho do “ Bispo auxiliar de São Paulo nomeado pelo

Papa Paulo VI em 1976, foi responsável pela Pastoral do Menor entre 1976 e 1988. Ocupou as posições de secretário-geral (1979 a 1986) e presidente da (CNBB) Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (de 1987 a 1995). Atuou na defesa dos pobres e dos direitos humanos” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2011).

Além disso, o viaduto localizado na região do Tatuapé, Zona Leste de São Paulo, foi inaugurado pelo prefeito Gilberto Kassab no domingo, dia 28/08/2011, sendo que o mesmo viaduto recebeu o nome de viaduto Dom Luciano Mendes. Todavia, em 2021, o então Prefeito de São Paulo, Bruno Covas, contratou uma empresa para colocação de pedras pontiagudas, com o propósito de não permitir que nenhum morador de rua dormisse debaixo daquele viaduto. Assim que o padre Júlio Lancellotti soube, ele foi até o local, no dia 2 de fevereiro de 2021 e, com uma marreta em mãos, começou a quebrar aquelas pedras postas debaixo do viaduto. Esta reação do padre Júlio teve uma repercussão positiva ao ponto de outras capitais do Brasil repensarem em adotar essa medida higienista adotada pelo Estado de São Paulo através de seus representantes públicos. Além disso, o padre Júlio era um grande amigo de Dom Luciano Mendes, pois ambos procuravam viver esse trecho do Evangelho de Mateus 25, 31-40, como modelo de vida a ser imitado.

Todavia, essa atitude enérgica do padre Júlio Lancellotti, tornou-se muito visível nas redes sociais, Facebook e Instagram, ao ponto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) realizar um debate acadêmico, publicado no mês de janeiro de 2022, por meio da Revista Soletas, do programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPLIN. Sendo assim, padre Júlio foi e permanece inserido na realidade do mundo digital através das redes sociais, trazendo uma reflexão atual sobre o valor da vida humana e a dignidade dessas pessoas em situação de rua, inserida nessa sociedade pós-moderna que cultua como estilo de vida o individualismo da pessoa humana, gerando a falta de empatia com a dor do próximo.

CAPÍTULO III

Padre Júlio Lancellotti, o vigário do povo de rua: um chamado particular ou um profetismo de dentro da igreja para a sociedade?

3.1. Quem é o Padre Júlio?

Júlio Renato Lancellotti, nasceu no hospital São José do Brás, dia 27 de dezembro de 1948. É de origem do bairro Belém, centro-leste da cidade de São Paulo, tinha dois irmãos, José Luiz e Milton (já falecidos). Seus pais eram descendentes de imigrantes italianos (WIKIPEDIA, 2023). Milton Fagundes Lancellotti era comerciante e Wilma Ferrari Lancellotti era secretária em um escritório de advocacia. Júlio começou seus estudos nas Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, na região do Tatuapé, São Paulo. Aos doze anos, ingressou para o Seminário Menor em Araraquara, entretanto, não ficou. Retornando para São Paulo, concluiu o ginásio com os padres agostinianos e logo tornou-se um frade agostiniano, porém, não ficou por muito tempo, abandonando novamente a vida religiosa.

Após sua saída da vida religiosa, cursou Enfermagem, sendo auxiliar de enfermagem na Santa Casa de Misericórdia de Bragança Paulista, São José do Brás, São Paulo. No entanto, tempos depois, cursou Pedagogia na Faculdade Oswaldo Cruz e se especializou em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando como professor-assistente do professor Carlos Alberto Andreucci e lecionando nas Faculdades Oswaldo Cruz e no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, para preparar alunos para o Magistério. Júlio também trabalhou no Serviço Social de Menores, na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, no Centro de Apoio ao Imigrante e na região do Brás, ministrava aulas para crianças com dificuldade de aprendizado.

Em 1980, Júlio conheceu Dom Luciano Mendes de Almeida, nomeado bispo-auxiliar de São Paulo, e acabaram tornando-se grandes amigos. Juntos começaram a trabalhar na perspectiva da fundação da Pastoral do Menor na Arquidiocese de São Paulo e em grupos de fundação da Pastoral da Criança. Ajudou na formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Logo depois, realizou seus estudos de Filosofia e Teologia pela Universidade Pontifícia Católica-PUC e foi ordenado sacerdote no dia 20 de abril de 1985.

Após um ano de sacerdócio, foi designado para a Paróquia São Miguel Arcanjo da Mooca, onde começou a exercer as suas atividades pastorais com os moradores de rua e menores abandonados. Fez parte do protesto contra a política do “Cacete Pedagógico” da então presidente da Fundação Estadual para o Bem-estar do Menor (FEBEM) Maria Inês Bierrenbach, no mês de março de 1986, substituída por Nazih Curi Meserani.

Por denunciar abertamente os maus tratos e até mesmo torturas realizadas contra os menores das unidades da antiga FEBEM, em 1990, padre Júlio Lancellotti foi reconhecido com o título de *Doutor Honoris Causa* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, bem como outros. Entre eles pode-se elencar a Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, que lhe concedeu o prêmio *Franz de Castro Holzwarth*, em 2000, em vista de seu trabalho contra a violação sistemática dos direitos das crianças e dos adolescentes. Em 2004, *Doutor Honoris Causa* pela Universidade São Judas Tadeus. Em 2003, foi a vez da Casa Vida receber o prêmio de OPAS, da Organização Pan-Americana da Saúde. No ano seguinte, em 2004, foi a vez do Movimento Nacional de Direitos Humanos receber o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, juntamente com a Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, em que recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, na categoria livre. Em 2005, padre Júlio Lancellotti recebeu menção honrosa do prêmio Alceu Amoroso Lima, por Direitos Humanos. Em 2007, recebeu o Prêmio de Direitos Humanos promovido pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, na categoria “Enfrentamento à Pobreza”. No ano de 2020, por meio de voto popular, recebeu o prêmio *Poc Awards*, na categoria “Influencer do Ano”. Em 2021, padre Júlio foi um dos vencedores do prêmio Zilda Arns, pela Defesa e Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa, da Câmara dos Deputados, em reconhecimento pelo seu trabalho em benefício da população em situação de rua. Em 2022, recebeu o prêmio Juca Pato. Padre Júlio Lancellotti, também publicou os seguintes livros. Defesa dos excluídos, 2000. Em 2021, lançou outros títulos: O Jesus das ruas, na trajetória do padre Júlio Lancellotti; Tinha uma pedra no meio do caminho: invisíveis em situação de rua; Amor à maneira de Deus: Coração, amor e compaixão.

Em 1990, atuou como um dos fundadores da Comunidade Povo de Rua São Martinho de Lima, um abrigo para moradores de rua com uma marcenaria, tendo por objetivo oferecer cursos profissionalizantes para este público-alvo. No ano seguinte, teve a inspiração de criar a “Casa Vida”, que nasceu de uma experiência pessoal do padre Júlio

com as famílias em situação de extrema pobreza e portadores do vírus HIV. Em função da importância que esta Pastoral atingiu para a sociedade, teve por madrinha a Princesa de Gales, Lady Day. Com isso, obteve recursos de diversas organizações religiosas do mundo.

Hoje, aos 75 anos de vida, permanece na Arquidiocese de São Paulo, onde exerce há 35 anos o seu ofício como pároco na Igreja São Miguel Arcanjo, na região da Mooca, fazendo frente em diversos projetos municipais de atendimento à população em situação de rua, juntamente com o programa que promove formação para agentes comunitários de saúde e ex-moradores de rua, exercendo sua função social no Programa “A Gente na Rua”. Cabe ressaltar que esta inserção em ações sociais se deu por sempre estar acompanhando, de forma direta, dois grandes bispos: Paulo Evaristo Arns e Luciano Mendes de Almeida, que lutaram incansavelmente pelos direitos humanos. Sobretudo, os dos mais vulneráveis das periferias de São Paulo.

Ademais, segue a relação de teólogos que inspiraram e continuam a ser referências para o padre Júlio Lancellotti: Hugo Assman, Frei Betto, Maria Clara Lucchetti Bingemer, Clodovis Boff, Leonardo Boff, Jose Míguez Bonino, Pedro Casaldáliga, Enrique Dussel, Ignacio Ellacuría, Ivone Gebara, Gustavo Gutiérrez, Franz Hinkelammert, María Pilar Aquino, Pablo Richard, Oscar Arnulfo Romero, Samuel Ruiz García, Juan Luis Segundo, Jon Sobrino, Paulo Suess, Elsa Tamez, Ana Maria Tepedino e Aiban Wagua, são os biblistas e filósofos da Teologia da Libertação (STEDILE, 2021).

É importante ressaltar que a Teologia da Libertação faz parte da vida do padre Júlio Lancellotti. Deste modo, existe uma práxis de vida refletida em todo o seu trabalho realizado direto com a população em situação de rua. Portanto, é possível considerar que é um dos motivos de sua permanência há 35 anos na mesma paróquia, seja o que o próprio padre Júlio afirma, ou seja, que nenhum outro padre gostaria de assumir seu lugar nesta comunidade conhecida por esse tipo de pastoral social tão viva. Assim sendo, pode-se deduzir que o trabalho do padre Júlio é um dom (graça) especial de Deus, para cuidar dessas pessoas em situação de rua e menores infratores, tendo em vista todo o seu histórico de vida direcionado para essa realidade de resgate da dignidade da pessoa humana em sua totalidade.

3.2. Como o apostolado do Padre Júlio acontece e por que incomoda tanto os poderosos da sociedade paulista e alguns membros da Igreja Católica

O testemunho cristão do padre Júlio Lancellotti incomoda tanto os poderosos porque ele fez uma escolha preferencial pelos pobres, portanto, suas palavras condizem com sua vida entregue em favor das pessoas vulneráveis em situação de rua. Com isso, permite muitas pessoas encontrarem Nosso Senhor Jesus Cristo, e a consequência desse encontro gera uma ação voluntária direcionada nas pessoas para aos pobres, através da paróquia São Miguel Arcanjo, compondo uma rede solidária de atendimentos diários das pessoas em situação de rua, distribuindo kits de higiene, cobertores, roupas, alimentos etc.

O carisma do padre Júlio atrai as pessoas para cuidar do Cristo pobre, chagado, doente (cf. Lc 16, 20-21) e invisível para a sociedade em que vivemos hoje. Contudo, podemos perceber o documento da III Conferência em Puebla do Episcopado Latino-Americano de 1979, sendo colocado em prática dentro do apostolado do padre Júlio. Este documento fez vários apontamentos, entre eles a opção preferencial pelos pobres, tema amplamente discutido nesta conferência entre os Bispo:

Na Igreja da América Latina, nem todos nós temos nos comprometido o bastante com os pobres; nem sempre nos preocupamos com eles, nem somos com eles solidários. O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres (CELAM, 2009, p. 326).

Esta foi a chave de leitura pastoral que o padre Júlio utilizou para conviver e fazer a experiência com o Cristo pobre em situação de rua, um exercício de vivência pastoral que não exclui a realidade natural de uma convivência muitas vezes conflitiva (cf. STEDILE, 2021), cheia de alegrias, descobertas, perdas, caminho, paralisia, ou seja, tem de tudo um pouco, assim como acontece com a maioria das famílias ou comunidades. Logo, conviver com a população de rua é o grande caminho de autoconhecimento onde percebemos que eles não são anjos e muito menos demônios, mas simplesmente pessoas:

[...] o mandamento não matar põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer que não há uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o facto de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é

considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do descartável, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são «explorados», mas resíduos, sobras (Evangelii Gaudium, p. 45-46).

Agora, para mudar essa mentalidade do descarte enraizada na sociedade é um processo longo, conflitivo, difícil e desafiador, cujo só o tempo poderá nos mostrar essa longa mudança, pois todos os que entraram nesta messe não contemplaram de maneira plena mudança, mas puderam experimentar o florescer de uma nova mentalidade histórica presente na vivência de Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), Dom Pedro Casaldáliga (1928-2020), Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), Irmã Dorothy (1931-2005), Santos Dias da Silva (1942-1979). Essas pessoas e tantas outras deram as suas vidas acreditando e vivendo neste caminho de uma Igreja dos pobres e para os pobres, assim como vemos hoje esse mesmo caminho sendo feito pelo padre Júlio Lancellotti, os Franciscanos e tantos outros religiosos e leigos de diversas crenças, em vista de um ser Transcendente que acolhe a todos sem distinção. Além disso, a Pastoral Operária Metropolitana de São Paulo, tenta apresentar umas características fundamentais da Igreja Católica voltada para os pobres, que não se preocupa com a riqueza e o poder, mas coloca-se à disposição daqueles que mais precisam.

Visto que, o respeito das pessoas em situação de rua, em relação à pessoa do padre Júlio Lancellotti foi sendo construído a partir do seu próprio testemunho de amor e doação, pois esse reconhecimento é fruto de 30 anos na linha de frente pela luta da dignidade desses irmãos e irmãs, pessoas sofridas:

[...] hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída (Evangelii Gaudium, p. 47).

Neste sentido, percebemos que existe uma luta brutal para que as pessoas entendam que os bens desta terra são para todos e não para alguns grupos específicos, pois não deveria existir pessoas de segunda classe, tendo em vista a perspectiva cristã que diz que todos somos filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1). Por conseguinte, outros seguimentos da Igreja Católica, como, por exemplo, os Franciscanos do Largo São Francisco, situados na região do centro de São Paulo, na pessoa do Frei José Francisco, coordenador “SEFRAS” Serviço Franciscano de Solidariedade, está na linha de frente com padre Júlio Lancellotti para ajudar nos enfrentamentos em defesa da vida do povo de rua, contra as políticas

públicas de higienização das ruas, ou seja, são muitas as pautas em favor a população de rua, da qual os franciscanos estão em comunhão com o padre Júlio, somando forças e vozes para defender os pobres que:

O religioso lidera um grupo que oferece gratuitamente café da manhã, almoço e jantar a pessoas em situação de vulnerabilidade desde 1997. Ele não tem um restaurante. Ao menos não um lugar convencional, onde se escolhe o que se quer comer e a conta chega ao final. O padre Júlio Lancellotti, vigário episcopal à frente da Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo, lidera grupos que oferecem gratuitamente café da manhã, almoço e jantar às pessoas em situação de vulnerabilidade desde 1997. São refeições distribuídas em diferentes pontos da cidade, entre eles: o Núcleo de Convivência São Martinho de Lima, na Mooca, e a Casa de Oração, na Luz. Com a pandemia, a quantidade de atendidos aumentou exponencialmente. Originalmente, a primeira refeição do dia destinava-se a 200 pessoas que passavam pela Paróquia de São Miguel Arcanjo, na Mooca. A multiplicação dos necessitados fez com que a distribuição migrasse no início de 2021 para o galpão onde está instalado o Núcleo de Convivência, a poucas quadras da igreja, como se pôde acompanhar a partir das 7h30 do dia 10 de outubro, um domingo. Na região conhecida também como Cracolândia, a Casa de Oração funciona 24 horas e é onde se assam 1.200 pães diariamente, parte deles destinada ao núcleo da Mooca. Ali também são feitas 1.000 quentinhas para quem mora nas ruas daquela área do centro. “A Pastoral da Rua articula vários grupos na cidade. Eu, pessoalmente, fico aqui na Mooca”, diz o religioso. E reforça: “Não trabalho só com moradores de rua. Sempre convivi com eles, com pessoas com HIV, detentos... (LORENÇATO, 2021).

3.3. O Evangelho vivido pelo Padre Júlio Lancellotti tem por finalidade nos apresentar o Cristo pobre.

O evangelho que o padre Júlio tem buscado viver, está intimamente ligado ao trecho da III Conferência do Episcopado Latino-Americano, documento de Puebla de 1979, que apresentou um dos seus temas principais a “opção pelos pobres”, visto que, o padre colocou na entrada da sua paróquia São Miguel Arcanjo a seguinte frase: “Aqui se entra para adorar a Deus... daqui se sai para amar o próximo”. Deixando bem claro que a força e a disposição para amar sem medidas os pobres, é primeiramente uma graça concedida por Deus, e não sendo mais conivente com:

O desprezo, a invisibilidade, o não levar em conta a indiferença, a ausência de políticas públicas que não o tenham como clientes, mas como uma pessoa sujeita de direitos que deve ser respeitado. Falta um trabalho para lidar com essa questão como um processo socioeducativo. Não existe solução imediata como internação compulsória, ações higienistas de limpeza da cidade. É preciso trabalhar com eles, formar comunidades. O que existe é uma vontade muito rápida de resolver o problema, não levando em conta que quem está na rua teve um caminho para chegar lá e agora precisa de um caminho para sair de lá com suas próprias pernas (IHU ON-LINE, 2021).

Diante dessa realidade de sofrimento que os moradores de rua vivem, se faz urgentemente buscar meios de política pública por exemplo o Centro de Atenção Especial

de Assistência Social – CREAS, esse órgão público já possui suas diretrizes estabelecidas dentro da política nacional para ajudar a população de rua, é preciso ser assumida pelos estados e municípios (LORENÇATO, 2021). Assim, partindo do princípio filosófico da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, 1973, IX, 9, 1169 b 18/20 “[...] já que todo homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros vistos possuir ele as coisas que são boas por natureza”. Logo, tendo em vista essa ideia filosófica mencionada acima, deveríamos ser bons samaritanos através de ações conjuntas com os órgãos públicos e privados para exercer esse ato caritativo descrito em (Lc 10,30-37).

O bom samaritano coloca-se a disposição do seu próximo, assim como aconteceu na época do Cardeal Paulo Evaristo Arns exercendo o seu ofício de Pastor da Arquidiocese de São Paulo, fez questão de colocar o padre Júlio na pastoral do menor, essa pastoral gerou conflito, pois segundo o padre o Governo do Estado de São Paulo, tinha emitido uma lista de pessoas que não poderia estar à frente dessa pastoral, e justamente um dos nomes que estava na lista era o padre Júlio Roberto Lancellotti e o padre Antônio Luiz Marchioni. Contudo, esses dois padres precisavam sair dessa pastoral, eles eram um incômodo para as políticas pública daquela época, portanto, o padre Júlio recebeu a incumbência de deixar a pastoral do menor para assumir a pastoral do povo em situação de rua. Na verdade, foi uma estratégia do Cardeal Paulo Evaristo juntamente com o intuito de organizar e estruturar essa pastoral social:

Poderia haver locação social e a inclusão da população de rua em programas habitacionais. É um escândalo ter prédios públicos e privados abandonados. Isso atenta aos direitos fundamentais da pessoa humana: toda a pessoa precisa ter um local para viver, um local para descansar, para fazer sua alimentação, para viver a sua vida. Ter prédios vazios só serve para especulação imobiliária (IHU ON-LINE, 2021).

Neste contexto, nasce a casa de oração do povo da rua criada em 1997, fruto de um prêmio do Cardeal Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo, recebeu da Fundação *Niwano* Japão, em vista da sua intensa colaboração inter-religiosa na intenção de preservar o meio ambiente e criar meios para um mundo que tenha paz e justiça (WELTER, 2022). A casa está localizada no bairro da Luz, na rua Djalma Dutra, nº3, onde o terreno construído é 950 metros quadrados, divididas em dois andares, pois o andar superior está a capela, local das celebrações eucarísticas e encontros bíblicos, em destaque do altar tem o painel do artista Cláudio Pastro, já os outros objetos litúrgicos foram confeccionados pelos próprios moradores de rua. Ao mesmo tempo nas noites mais frias

de São Paulo, os moradores em situação de rua são acolhidos para pernoitar na casa de oração, tendo a possibilidade de acolher aproximadamente cem pessoas, portanto:

“Este espaço é uma casa de acolhida para quem não tem casa. É uma casa de partilha do pão, da sopa que sacia a fome física e que alimenta o espírito com a partilha da Palavra de Deus”, disse Padre Júlio. “Diariamente, vamos ao encontro de quem está à margem, para, como Jesus, dar-lhes de comer, de beber e resgatar-lhes um pouco da dignidade”, disse o Sacerdote, destacando a necessidade de políticas públicas eficazes (WELTER, 2022).

Além disso, essa casa de oração ao povo de rua, é mantida pela Arquidiocese de São Paulo, tendo como o seu fundador o Cardeal Paulo Evaristo Arns, que atendeu o pedido dos irmãos de rua (ibidem). Assim, já fazem 25 anos de existência dessa casa, por meio do Vicariato Episcopal, onde diariamente são feitas em torno de mil marmitas e distribuídas nas ruas e praça da cidade. Já na casa de oração é fornecido as roupas, cobertores e kits de higiene pessoal por meio de doações etc.

A busca incessante de viver o evangelho de Cristo e ajudar ao próximo, suscitou o desejo do cineasta argentino Carlos Pronzato, a fazer um documentário sobre o padre Júlio com o seguinte tema: “Padre Júlio Lancellotti: Fé e Rebeldia” lançado no dia 04 de maio de 2021 (cf. STEDILE, 2021), relacionando as ações do padre Júlio com as ações de Cristo Jesus, onde muitas pessoas entrevistadas testemunham que seria essa a maneira mais próxima de viver tudo aquilo que Jesus viveu com seus discípulos e Apóstolos. Em sua busca coerente de viver essa pastoral social, muitas pessoas relatam ter visto o Jesus através da ação pastoral do padre Júlio.

Logo, essa vivência profética do padre Júlio, apresenta um rosto de uma Igreja Católica totalmente diferente daquilo que muitas pessoas estão acostumadas a ver, mas não podemos julgar os nossos irmãos, e sim a partir dessa preferência pelos pobres que o padre Júlio expressa abertamente para todos, deve ser para nós o desejo de ajudar e expandir essa pastoral social profundamente cristã, pois devemos admitir que esse trabalho pastoral realizado por ele aponte para uma Igreja mais humana, pois é missão da Igreja cuidar dos pobres:

Eles não querem ser humilhados; querem ser tratados com dignidade. Precisam de alguém que seja capaz de dar a mão e olhar nos olhos, saber o seu nome, conversar com eles sem asco, estar ao seu lado. Precisam ter um lugar digno para deitar e descansar o corpo, ter uma assistência que cuide de suas feridas e dos sofrimentos, que saiba que eles também têm sonhos e pesadelos, que eles também dançam e festejam, buscam companhia, que eles querem ter alguém que converse com eles sem ter pressa, sem estar preenchendo apenas uma ficha. De alguém que olhe para eles e os vejam como seres humanos e não uma coisa, um objeto ou um número (IHU ON-LINE, 2021).

Ademais, essa busca do padre Júlio em se assemelhar com Cristo Jesus, misericordioso que acolheu a miserabilidade humana, ao ponto de não reconhecer o seu semelhante porque está fechado no seu mundo de egoísmo, orgulho, individualismo que não permite ver quem realmente necessita de ajuda, mesmo diante de tudo isso, podemos ver pessoas bem intencionadas, assim como a irmã Dulce dos pobres, também conhecida como anjo bom da Bahia consumiu toda a sua vida para cuidar dos pobres e marginalizados da sociedade, assim como tantos outros espalhados pelo Brasil e mundo afora fazendo ecoar as palavras do Papa Francisco:

A Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade. A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada. Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer (Evangelii Gaudium, pág.41).

3.3.1. Qual foi a motivação do Papa Francisco para ligar pessoalmente para o Padre Júlio Lancellotti e qual o contexto dessa ligação?

Segundo o Padre Júlio Lancellotti relatou, ele recebeu a ligação do Papa Francisco no dia 10 de outubro de 2022. Era um sábado à tarde, aproximadamente às 14h15, quando o Papa Francisco fez questão de ligar pessoalmente. Durante a ligação, o Papa informou ao padre Júlio que viu fotos dos atendimentos à população em situação de rua realizados por um padre brasileiro, por meio da transmissão da Rádio Vaticano/*Vatican News*. A conversa com o padre Júlio seguiu em italiano, após o Papa lhe perguntar em qual idioma poderia prosseguir o diálogo entre eles, italiano ou espanhol. Logo, o padre Júlio pediu que continuasse a conversa em italiano, embora não acreditasse no primeiro momento que era o Papa Francisco ao telefone.

Esta ligação do Papa Francisco veio como uma resposta da carta enviada pelo padre Júlio ao Francisco, dizendo que o seu “[...] Pontificado é fonte permanente de força, de coragem e de inspiração para continuarmos na defesa dos pobres, agora tão difícil pelo qual passa o mundo, mas de modo especial pelo qual passa o Brasil”.

Contudo, diante dos desafios enfrentados pelo padre Júlio, como vigário do povo da rua da Arquidiocese de São Paulo, ele acompanhou a fase mais crítica da pandemia da Covid-19. Portanto, essa ligação do Papa Francisco foi mais um pedido de resistência diante dos desafios para inclusão dos mais vulneráveis e oprimidos, do qual existem recursos públicos destinados especialmente para os pobres. Neste sentido, o Papa estava ciente de todos esses acontecimentos ocorridos aqui no Brasil, durante o período da pandemia.

Além disso, como um bom pastor, o Papa Francisco fez questão de procurar saber pelo próprio padre Júlio qual era a sua rotina diária e as mais diversas dificuldades enfrentadas por ele no seu apostolado de vigário do povo de rua e, depois de saber, Francisco reforçou que é preciso enxergar a pessoa de Jesus nos pobres, ocasionando que esse encontro fortaleça no caminho de Jesus sem desânimo.

O Papa Francisco encerrou a ligação pedindo ao padre Júlio que lhes comunicasse o seu amor fraternal para as pessoas em situação de rua: “Transmita aos moradores de rua o meu afeto, meu abraço e meu carinho, dizendo que o Papa sempre reza por eles.”, e pediu ao padre Júlio que eles possam rezar pelo Papa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao término desta pesquisa sobre a Eucaristia como Fração do Pão, e da vida para as pessoas em situação de rua. Na qual passamos em um primeiro momento pela história desse sacramento na Igreja Católica, depois pudemos analisar como essa experiência influencia, ou deveria influenciar, na prática cristã do cuidado com as pessoas em situação de rua. Por fim mostramos como a vida do padre Júlio Lancellotti pode ser um referencial para a unidade dessa vivência.

Contudo, a eucaristia no seu sentido teológico judaico, faz referência ao banquete, ou seja, estar a mesa para refeição, significa estar em plena comunhão com as pessoas aceitando a cada uma delas, sem fazer nenhum tipo de discriminação ou pré-julgamentos, pois o que deve acontecer nesse momento é a comunhão fraterna, assim vivida na igreja primitiva “dia após dia, eles aguardavam pacientes no templo e levavam o pão às suas casas, para realizarem as refeições em conjunto, com alegria e simplicidade no coração” (At 2,26).

A sociedade e os pobres ainda é um grande desafio, tendo em vista o quanto ainda existe dentro da sociedade uma realidade de cegueira coletiva, ou seja, nós enxergamos as pessoas em situação de rua, mas ao mesmo tempo fingimos que essas pessoas são invisíveis ou que poderá a qualquer momento nos pedir algo, portanto, o mais viável é evitar contato visual, porque talvez isso possa denunciar o nosso egoísmo e individualismo, logo a:

“Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”. De acordo com essa publicação, dentre os 10% da população brasileira que goza de maiores rendimentos, apenas 27% são constituídas por pretos ou pardos. A balança muda com relação aos 10% com menores rendimentos e nesse caso, pretos ou pardos correspondem a um percentual de 75,2%. Com relação à renda média per capita, os brancos ganham quase o dobro dos pretos e pardos. O IBGE utilizando os parâmetros do Banco Mundial para apontar a linha da pobreza, ou seja, para tratar de pessoas que sobrevivem com rendimentos inferiores a US\$5,5 por dia, destaca que destes, o total é de 15,4% para brancos e 32,9% para pretos ou pardos. Vivendo abaixo da linha da pobreza, de acordo com os parâmetros de US\$1,90 por dia, temos 3,6% de brancos e 8,8% de pretos ou pardos (NILZA *et al.*, 2021).

Diante desses dados apontados, percebemos que tem muito trabalho a ser realizado, pois a realidade social e econômica ainda afasta as pessoas principalmente diante dessa realidade da aporofobia “ódio de pobre”.

Após a pesquisa, iluminados pelos dados que encontramos, sobretudo o trecho bíblico Mt.25, 35-45, e o que diz o Papa Francisco na Encíclica *Evangelii Gaudium*, pág. 39-40:

A Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr de parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou 40 renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho. Às vezes, é como o pai do filho pródigo, que continua com as portas abertas para, quando este voltar, poder entrar sem dificuldade.

Constatamos que existe um vínculo indissociável entre Celebrar o Cristo que nos dá vida e nos alimenta na Eucaristia, e nos doarmos para que os irmãos de rua tenham alimento e vida. Vimos como o profético clamor de Puebla por uma Opção preferencial pelos pobres, tão presente na vida do padre Júlio Lancelotti, ainda hoje é necessário, uma vez que vivemos em uma sociedade onde os pobres têm sua vida vilipendiada em nome da economia e de um bem estar individualista.

Concluimos com um breve trecho de São João que sintetiza aquilo que apresentamos ao longo da pesquisa “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Flávia. *SP: população em situação de rua cresce 31% em 2 anos, mostra censo*. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-01/populacao-de-rua-cresceu-31-em-dois-anos-indica-censo>>. Acessado em: 20 mar. 2023.
- ALDAZÁBAL, José. *La Eucaristía*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ANGELIKA, Christian. *Dicionário de termos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola: 2011.
- BAUER, Johannes; MARBOCK, Johannes; WOSCHITZ, Karl. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal sacramentum caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*: São Paulo: Paulinas, 1973.
- BONDUKI, Nabil. *Precisamos de muitos Padres Júlios para combater a arquitetura hostil*. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2021/02/precisamos-de-muitos-padres-julios-para-combater-a-arquitetura-hostil.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- BOROBIO, Dionisio. *Celebrar para viver: liturgia e sacramentos da Igreja*. Salamanca: sígueme, 2003
- BROUARD, Maurice (org.). *Eucharistia: enciclopédia de Eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BURSZTYN, Marcel. *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.
- CÂNDIDO, Edinei da Rocha (org.). *A eucaristia nos Padres e Madres da Igreja*. Florianópolis: Atta, 2006. (Col. Cadernos Patrísticos - Textos e Estudos, 1)
- CAROLINA, Figueiredo. *População em situação de rua no Brasil cresce 16% de dezembro a maio, diz pesquisa*. CNN Brasil, 2012. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/populacao-em-situacao-de-rua-no-brasil-cresce-16-de-dezembro-a-maio-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 20 de mar. 2023.
- CHOPPIN, Katia *et al.*. La question SDF comme problème public. In: CHOPPIN, Katia; GARDELLA, Édouard. [dirs.]. *Les sciences sociales et le sans-abrisme*. Saint-Etienne: Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2013. p. 101-123.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1976.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. *Atuação num contexto de construção de uma nova ordem política e social no Brasil*. CNBB, 2017. Disponível em: < <https://www.cnbb.org.br/atuacao-num-contexto-de-construcao-de-uma-nova-ordem-politica-e-social-no-brasil/>>. Acesso em 20 mar. 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Manual de Liturgia: a celebração do mistério pascal: os sacramentos: signos do mistério*. vol. 3. São Paulo: Paulus, 2005.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. São Paulo: Loyola, 2006.

EDUARDO, Souza, MATHEUS, Pereira. *Arquitetura hostil: A cidade é para todos?* ArchDaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/888722/arquitetura-hostil-a-cidade-e-para-todos>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Antônio. *Eucaristia: teologia e celebração: documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB, 1963-2005*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

_____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o III dia mundial dos pobres*. Vaticano, 17 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

_____. *Mensagem do Santo Padre Francisco para o II dia mundial dos pobres*. Vaticano, 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.

FROÉS, Adriana Lígia Alvarenga de Oliveira. Trabalho, questão social e população em situação de rua: estar na rua é ser de rua?. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 10., 2021, São Luís. *Trabalho alienado, destruição da*

natureza e crise da hegemonia. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/luizr/Downloads/TRABALHO,%20QUEST%C3%83O%20SOCIAL%20E%20POPULA%C3%87%C3%83O%20EM%20SITUA%C3%87%C3%83O%20DE%20RUA.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

GIRAUDO, Cesare. *In unum corpus: trattato mistagogico sull'eucaristia*. Milano: San Paolo, 2001.

GRÜN, Anselm. *Eucaristia: transformação e união*. São Paulo, Loyola, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *População em situação de rua: relatório do teste-piloto*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014

_____. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais – IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. *Atlas de vulnerabilidade social dos municípios brasileiros*. Brasília: Ipea, 2015.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU ON-LINE. *Moradores de rua: "É preciso ter coragem para amá-los". Entrevista especial com Júlio Lancellotti*. 2011. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/noticias/504712-moradores-de-rua-e-preciso-ter-coragem-para-ama-los-entrevista-especial-com-julio-lancellotti#:~:text=J%C3%BAlio%20Lancellotti%20E%2080%93%20As%20causas%20n%C3%A3o,levou%20a%20morar%20na%20rua>>. Acesso em 11 abr. 2023.
JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dominicae Cenae*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Carta encíclica ecclesia de eucharistia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do evangelho segundo João*. Vol. III. São Paulo: Loyola, 1996

LORENÇATO, Arnaldo. *Comer & Beber 2021: Padre Júlio Lancellotti leva o título de causa social*. Veja São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/arnaldo-lorencato/causa-social-comer-beber-2021/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MÔNICA, Santos. O debate sobre aporofobia promovido pelo Padre Júlio Lancellotti nas redes sociais: uma análise semiolinguística. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 43, v. 1, p. 197-220, jan.-jun. 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/65025/42558>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

NATALINO, Marco Antônio. *Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil*. Brasília: Ipea, 2016.

_____. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil (2012-2022)*. Gov.br. Portal do Governo Federal, 2022. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/porta/publicacao-item?id=faa83eb1-f7fb-44d9-ba91->

341a7672611d&highlight=WyJwb3B1bGFcdTAwZTdcdTAwZTNvIiwjJ3BvcHVzYVx1MDBIN1x1MDBIM28iLCJydWEiXQ==>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

NILZA, Rogéria de Andrade Nunes *et al.* *População em situação de rua em tempos de pandemia da Covid-19*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR. *SP: número de famílias em situação de rua quase dobra na pandemia*. 2022. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/sp-numero-de-familias-em-situacao-de-rua-quase-dobra-na-pandemia/>>. Acesso em 20 mar. 2023.

OXFAM BRASIL. *Pesquisa nós e as desigualdades 2022*. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/pesquisa-nos-e-as-desigualdades-2022/>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PAULO VI. *Mysterium Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.

PORTAL G1. *Contingente de população de rua da cidade de SP é maior que o número de habitantes da maioria das cidades do estado*. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/24/contingente-de-populacao-de-rua-da-cidade-de-sp-e-maior-que-o-numero-de-habitantes-da-maioria-das-cidades-do-estado.ghtml>>. Acesso em 20 mar. 2023.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Prefeitura inaugura viaduto Dom Luciano Mendes de Almeida na Zona Leste*. Portal da Prefeitura de São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=112124#:~:text=O%20prefeito%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,Farah%20Maluf%20e%20Radial%20Leste>>. Acesso em: 20 mar. 2023.

RIBÓLIA, José. *Os sacramentos trocados em miúdo*. Aparecida: Santuário, 1990.

SALDANHA, Ricardo Manuel Berto. *Dormitório urbano: “Uma problemática social insustentável”*. 2014. 65 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana e Ambiental, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SAMANES, Cassiano Floristan. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo, Paulus: 1999

SANTIAGO, Henrique. *‘Parasita’, ‘empregada doméstica na Disney’: relembre frases de Guedes*. Portal uol, 2022. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/12/27/paulo-guedes-ministro-da-economia-declaracoes-polemicas.html>>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Liturgia das horas segundo o rito romano*. v. III. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 2000.

SILVA, Maria Lúcia. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

STEDILE, Rafael. *Padre Júlio Lancellotti tem trajetória de vida narrada em documentário; assista*. Brasil de Fato, 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/04/padre-julio-lancellotti-tem-trajetoria-de-vida-narrada-em-documentario-no-youtube>>. Acesso em: 10 de abr. 2023.

TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgicos-teológicos sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VATICAN NEWS. *Papa liga para Pe. Lancellotti e manifesta seu amor pela população de rua*. 2022. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-foneia-padre-julio-lancellotti-moradores-rua.html>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

WELTER, Roseane. *Há 25 anos, uma casa de oração aberta ao 'povo da rua'*. Jornal O São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://osaopaulo.org.br/destaque/ha-25-anos-uma-casa-de-oracao-aberta-ao-povo-da-rua/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

WIKIPÉDIA. *Júlio Lancellotti*. Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_Lancellotti>. Acesso em: 10 abr. 2023.